

**Alejandro José Castejón Gonzalez, O. Carm.**

**EDITH STEIN PARA ALÉM DE HUSSERL E DE TOMÁS DE AQUINO  
NA PROPOSTA DE UMA FILOSOFIA CRISTÃ**

**Monografia de Bacharelado em filosofia**

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin

Belo Horizonte  
FAJE –Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2023

**Alejandro José Castejón Gonzalez O. Carm.**

**EDITH STEIN PARA ALÉM DE HUSSERL E DE TOMÁS DE AQUINO  
NA PROPOSTA DE UMA FILOSOFIA CRISTÃ**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Deus Trinitário, fonte e origem de toda sabedoria; a Deus Pai que me criou, ao Filho, Jesus de Nazaré, quem me chamou a segui-lo e, em determinado momento da minha vida, me mostrou o caminho da plenitude, da alegria, da doação e do amor e ao Espírito Santo, doador da vida, de dons e de carismas, Àquele que colocou em meu coração o desejo ardente de conhecer, de pesquisar e de perscrutar os mistérios do mundo presentes na existência humana. Foi o Espírito quem me motivou amar e buscar a sabedoria desde minha juventude e quem fez que me apaixonasse por sua beleza (Sb 8, 2).

Agradeço à Ordem do Carmo que me acolheu quando desejei consagrar minha vida e, constantemente, me ensina as riquezas espirituais de seu carisma na minha caminhada cristã, humana e vocacional. Agradeço à ordem dos Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria do monte Carmelo por permitir, incentivar e providenciar o necessário para eu cultivar a sabedoria e o conhecimento nos meus estudos filosóficos. Agradeço aos meus confrades, irmãos de caminhada e a todos os mestres das diferentes etapas de formação que me ajudaram e guiaram no caminho da virtude cristã.

Agradeço minha família, especificamente minha mãe Beatriz, meu pai Cesar, meus avôs e minha tia Marisabel, por apoiar sempre minha vocação e por incentivar-me a buscar a perfeição em tudo aquilo que fizer.

Agradeço, finalmente, à Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, que deixou uma marca indelével na minha vida e no meu coração. A cada professor e professora que compartilharam seus conhecimentos filosóficos e, com paciência e arte, ensinaram e me apresentaram o fascinante mundo da filosofia. Dentre tantos professores e professoras gostaria de mencionar o professor Carlos Drawin, o professor Bruno Pettersen, a professora Cláudia Rocha, a professora Marília Murta, a professora Nádia Souki, o professor Clóvis Salgado, o professor Elton Vitoriano, o professor Marco Heleno, o professor Adilson Feiler, o professor Édil Guedes, o professor João Lino, o professor Luiz Sureki, o professor Daniel de Luca e o professor Vitor Viana que, com suas aulas, despertaram a minha vocação pela filosofia e pelo mundo acadêmico. Agradeço a cada colega de estudo que compartilhou a caminhada acadêmica nesta faculdade e agradeço a cada funcionário desta faculdade que permitiu e possibilitou o ambiente e as condições para um melhor estudo e uma melhor aprendizagem.

*“Se eu quiser falar com Deus, Tenho que me aventurar, Tenho que subir aos céus, Sem  
cordas pra segurar”<sup>1</sup>*

(Gilberto Passos Gil Moreira)

---

<sup>1</sup> Letra de “Se eu quiser falar com Deus” de Gilberto Passos Gil Moreira.

**RESUMO:** Esta monografia tem como objetivo principal apresentar o conceito de *Filosofia cristã* desenvolvido pela filósofa judia do século XX, Edith Stein. Como complemento deste objetivo, pretende demonstrar que o pensamento original e genuíno da filósofa, principalmente no conceito de filosofia cristã, surge a partir das tensões e paralelismos que a própria filósofa realiza entre as filosofias de seus dois grandes mestres e referenciais filosóficos, Edmund Husserl e santo Tomás de Aquino. No primeiro capítulo, serão apresentados os principais elementos biográficos da vida intelectual e filosófica desta filósofa; sua vocação e seus primeiros passos no mundo da filosofia, seus primeiros estudos em Breslávia, o encontro com a fenomenologia de Husserl, sua transferência a Gotinga, sua conversão ao cristianismo, o aprofundamento do estudo das obras de Tomás de Aquino e sua etapa de maturidade e independência filosófica. No segundo capítulo serão analisados os paralelismos entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino realizados por Edith Stein em alguns ensaios e artigos; será contextualizado o ambiente filosófico, junto com as problemáticas percebidas pela filósofa e será apresentada a confrontação entre Husserl e Tomás de Aquino realizada por Edith Stein, principalmente, nos aspectos da *Filosofia como ciência rigorosa e a razão natural e a razão sobrenatural; crer e saber*. Finalmente, no terceiro capítulo, será estudado o conceito steniano de Filosofia cristã, fazendo uma apresentação das origens deste conceito, contextualizando o seu ressurgimento no século XX, apresentando os fundamentos conceituais e epistemológicos desta proposta steniana e considerando algumas implicações e problemáticas da filosofia cristã desenvolvida por Edith Stein.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia cristã, Edmund Husserl, Tomás de Aquino, fé, razão, Revelação.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
1. ESBOÇO BIOGRÁFICO INTELECTUAL E AS PRINCIPAIS ETAPAS DE SEU CAMINHO FILOSÓFICO .....	8
1.1 Os primeiros passos no mundo da Filosofia .....	9
1.2 Na universidade de Breslávia .....	9
1.3 O encontro com a Fenomenologia de Edmund Husserl e os estudos em Gotinga .	12
1.4 A conversão ao cristianismo e a etapa de sua maturidade filosófica .....	15
2 POSSÍVEIS DIÁLOGOS E TENSÕES ENTRE HUSSERL E TOMÁS DE AQUINO .....	19
2.1 Apresentação da problemática .....	20
2.2 Confrontação .....	23
2.2.1 Filosofia como ciência rigorosa .....	24
2.2.2 Razão natural e sobrenatural; crer e saber .....	28
3 CONCEITO STENIANO DE FILOSOFIA CRISTÃ .....	32
3.1 Origens do conceito .....	32
3.2 Fundamentos conceituais e epistemológicos .....	35
3.3 Conceituação, implicações e problemáticas da filosofia cristã .....	39
CONCLUSÃO .....	45
REFERÊNCIAS .....	48

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas foi retomado, com muita força, o estudo e a pesquisa sobre a filósofa judia do século XX, Edith Stein. Uma filósofa cujo percorrido intelectual e espiritual de sua vida torna-se fascinante para aqueles que a estudam. Em Edith Stein é possível encontrar uma vida marcada pela busca sincera da verdade, uma vida comprometida com a sociedade e a humanidade e, após sua conversão ao cristianismo, uma vida dedicada à contemplação, optando por um estilo de vida religiosa claustral. No entanto, sua escolha pela vida religiosa contemplativa não limitaria, nas relhas de um mosteiro carmelita, o conhecimento de seu pensamento filosófico, místico e teológico. Uma leitura superficial da vida e das obras da filósofa Edith Stein podem conduzir ao risco de compreender, de forma reduzida, os vários e complexos acontecimentos de sua vida. Muitas vezes, esta filósofa acaba por ser associada apenas à mulher judia que se converteu ao cristianismo, tornou-se monja carmelita, foi executada em Auschwitz-Birkenau e foi canonizada com seu nome religioso santa Teresa Benedita da Cruz (TURULO; ALES BELLO 2018, p.7). No entanto, tal como afirmam Aparecida Jacinta Turolo e Angela Ales Bello, na apresentação da tradução brasileira dos escritos autobiográficos da Filósofa: “Edith Stein integra [...] o grupo das personalidades mais extraordinárias e fascinantes do século XX” (2018, p.7) seja na perspectiva humana, espiritual, intelectual, filosófica e em outros campos do saber ou áreas do conhecimento. Este trabalho pretende explorar, essencialmente, o estudo da perspectiva intelectual e filosófica da filósofa, tomando como centros alguns aspectos importantes.

O objetivo principal deste trabalho é apresentar e analisar o conceito de Filosofia cristã, desenvolvido por Edith Stein, especificamente, na introdução de sua obra *Ser finito e Ser Eterno*. Este conceito parte do pressuposto de que a filosofia se encontra sempre ligada à experiência de vida do filósofo. Se o filósofo é cristão, não pode prescindir de sua fé, pois a própria razão lhe sugere a consideração desta dimensão como um complemento para seu conhecimento (ALES BELLOS, 1998, p.316). O conceito e a proposta steniana de filosofia cristã é desenvolvido de maneira rigorosa e científica, considerando as implicações e problemáticas que podem surgir desta construção, como a relação da fé e da razão, a distinção da filosofia e da teologia, a autonomia da filosofia, o diálogo com filósofos não cristãos, entre outros. Complementando o objetivo principal deste trabalho, será demonstrado que o pensamento genuíno e original da filósofa Edith Stein, principalmente no seu conceito de *Filosofia cristã*, surge a partir da tensão e dos paralelismos que a própria filósofa realiza entre seus dois principais mestres e referenciais filosóficos; a saber, o pai da fenomenologia Edmund

Husserl e o doutor angélico santo Tomás de Aquino. Para o cumprimento destes objetivos foi escolhido como metodologia a leitura e o estudo de algumas obras principais da filósofa judia, entre as quais se encontram: *Ser finito e Ser Eterno* (1936), o diálogo *o que é filosofia? Uma conversa entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino* e *a fenomenologia de Husserl* (1929), o artigo: *a filosofia de Santo Tomás de Aquino: ensaio de um cotejo* (1929) e a sua autobiografia *Vida de uma família judia* (1933-1939). A leitura destas obras será complementada com artigos e trabalhos desenvolvidos por estudiosos da filósofa de Breslávia.

No primeiro capítulo, será apresentado um estudo biográfico intelectual-filosófico de Edith Stein considerando, momentos específicos de seu percorrido filosófico, chamados de suas etapas intelectuais. Inicialmente, serão apresentados os primeiros passos que despertaram sua atração pelo mundo da filosofia; em continuidade, seus primeiros anos na faculdade de Breslávia, marcados por um estudo de orientação fortemente psicológico; consecutivamente, o descobrimento e o encantamento pela fenomenologia, a leitura das *Investigações lógicas* de Edmund Husserl e seus estudos em Gotinga; finalmente, sua conversão ao cristianismo, sua etapa de maturidade e independência intelectual e filosófica e sua entrada no mosteiro Carmelita até o seu martírio no campo de concentração em Auschwitz.

No segundo capítulo, serão analisados os paralelismos, as tensões e as confrontações que Edith Stein realiza entre suas duas fontes filosóficas principais, Husserl e Tomás. Este paralelismo aparece numa série de artigos realizados pela autora, onde considera os principais fundamentos filosóficos e epistemológicos de cada um dos filósofos antes mencionados. Estes paralelismos e tensões são reflexos das problemáticas que a autora percebia e estudava na filosofia de seu tempo, a saber, a impossibilidade do diálogo da filosofia escolástica e católica com a filosofia moderna. Edith Stein realiza um esforço para oferecer ferramentas que possibilitem o diálogo na filosofia, este diálogo aparece, no pensamento da filósofa, como um aspecto importante e essencial para uma adequada construção filosófica e para uma melhor compreensão da realidade. Para Edith Stein, tanto em Edmund Husserl quanto em Tomás de Aquino, é possível encontrar elementos importantes para possibilitar um diálogo adequado na filosofia. No artigo intitulado *a fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino: ensaio de um cotejo* Edith Stein apresenta seis aspectos que evidenciam pontos em comum e divergências entre Husserl e Tomás: *a filosofia como ciência rigorosa; a razão natural e sobrenatural, crer e saber; filosofia crítica e filosofia dogmática; filosofia teocêntrica e filosofia centrada no eu; ontologia e metafísica* e, finalmente, a questão da *intuição como método fenomenológico e método escolástico*. Neste trabalho serão aprofundados os conceitos



de *filosofia como ciência rigorosa* e o tema da *razão natural e sobrenatural; o crer e o saber*. Dois pontos essenciais que fundamentam o conceito steniano de filosofia cristã.

Finalmente, no terceiro capítulo, será analisado o conceito de Filosofia cristã proposto por Edith Stein. Proposta que aparece na sua principal obra, *Ser Finito e Ser Eterno* e que surge como consequência ou como a suprassunção da tensão entre sua concepção da fenomenologia de Husserl e da filosofia de Tomás de Aquino. Neste capítulo será analisado a origem deste conceito que, certamente, já aparece nas filosofias da Idade Média, mas que será retomado em discussões no século XX por vários filósofos. Em continuidade, serão apresentados os fundamentos teóricos, conceituais e epistemológicos que se encontram no conceito steniano de *filosofia cristã*, libertando assim esta proposta de qualquer preconceito no ambiente filosófico. Com efeito, esta proposta se encontra fundamentada em conceitos rigorosamente filosóficos como verdade, conhecimento, ciência e filosofia. Finalmente, será analisado o conceito de *Filosofia cristã*, junto com suas principais implicações e problemáticas, entre eles a relação da fé e da razão, a diferença entre filosofia e teologia, a definição de ‘fé’, a dependência da fé na filosofia cristã e a autonomia da filosofia, a experiência religiosa, a mística, entre outros.

O tema sobre a filosofia cristã em Edith Stein é instigante e, ao mesmo tempo, oportuno para o estudo do pensamento da filósofa, pois apresenta uma temática importante para a filosofia e também para outros campos do saber. A autora estudada possui um vasto material a ser explorado e é destacado, sobre a perspectiva filosófica, a tensão entre a fé e a razão, por ser um tema que permite conhecer o pensamento, método e estilo filosófico de Edith Stein.

## **1 ESBOÇO BIOGRÁFICO INTELLECTUAL E AS PRINCIPAIS ETAPAS DE SEU CAMINHO FILOSÓFICO**

Edith Stein aparece como uma das grandes personalidades do seu século e tal grandeza pressupõe uma certa complexidade. Não existe unanimidade quando se quer estabelecer, de maneira estruturada e sistemática, as possíveis etapas da vida da filósofa Edith Stein. Muitos estudiosos periodizam as obras de Edith em diferentes momentos de sua vida: a fase fenomenológica, a fase tomista e a fase mística. No entanto, tal periodização não está livre de erros, pois parece sugerir certos distanciamentos entre os períodos, sendo evidente nas suas obras um enriquecimento progressivo durante cada uma de suas etapas. Dito de outra forma, seria um erro pensar que sua aceitação da doutrina tomista a distanciaria da fenomenologia husserliana e, igualmente, que seu mergulho na literatura mística a distanciaria dos antigos

conhecimentos (ADAMCZYK-ENRIQUEZ, 2022 p. 144). Este capítulo pretende apresentar diversas fases de sua vida: o primeiro interesse pelo mundo da filosofia, seus primeiros estudos em Breslávia marcados pela psicologia experimental, sua fase fenomenológica em Gotinga, seu encontro com a filosofia tomista e sua conversão ao cristianismo.

## 1.1 Os primeiros passos no mundo da Filosofia

Edith Stein nasceu em Breslávia, no ano 1891, filha do casal israelita Siegfried Stein e Augusta Courant; Edith seria a última de sete filhos. (MIRIBEL, 2001, p. 34). Na sua autobiografia *vida de uma família judia*, Edith Stein desmente os preconceitos e as caricaturas impostas pelos nazistas aos judeus, retratando a vida comum de uma família judaica, semelhante à imensa maioria das famílias alemãs (SAVIAN FILHO, 2018, p.15). A autora ressalta as fortes raízes culturais e religiosas herdadas de sua família de origem judia e aparece, de forma clara, como sua mãe se esforçou pela sólida educação de seus filhos e como Edith assumiu esta realidade com total seriedade e responsabilidade. Começando a destacar-se rapidamente no mundo intelectual, o despertar filosófico de Edith começaria muito cedo. Um relato de seus primeiros períodos de estudo revela como certas questões de caráter filosófico começaram a interessá-la sobremaneira:

Precisamente no decorrer do sétimo ano da escola básica, meu rendimento foi menor. É certo que eu ainda disputava os primeiros lugares, mas também acontecia de eles me escaparem. Em parte, isso se devia ao fato de que eu começava a preocupar-me com todo tipo de indagações, concernentes principalmente à minha concepção de mundo, tema esse pouco abordado na escola (STEIN, 2018, p.165).

Com o transcorrer do tempo, seu caminho foi amadurecendo e sua escolha esclarecendo. Diante de toda sua família, responderia às insistentes perguntas sobre sua escolha universitária, afirmando de maneira enfática que estudaria “Literatura e Filosofia” (STEIN, 2018, p. 209). Esta decisão não agradou a todos, mas esta era protegida pela mão de sua mãe que lhe brindava total liberdade (STEIN, 2018, p. 209). “Terminados seus estudos, Edith deixou o liceu e ingressou na Universidade de Breslávia onde já se encontrava Erna (sua irmã)” (MIRIBEL, 2001, p. 38).

## 1.2 Na universidade de Breslávia

Edith Stein inicia seu caminho universitário em Breslávia, no ano 1911, no semestre de verão. Ela permaneceu em tal universidade durante quatro semestres. Apesar de que ela se encontrava nos primeiros passos de seu percorrido intelectual, estes semestres em Breslávia podem ser considerados riquíssimos para sua formação humana e intelectual. Esta etapa esteve repleta tanto de atividades intelectuais e de ordem acadêmica, quanto de atividades práticas e de caráter social. Não é por acaso que ela afirmou com tanta admiração na sua autobiografia: “Quando olho para trás e vejo tudo o que fiz durante meus primeiros semestres, pergunto-me onde arrumei o tempo necessário aos estudos” (2018, p. 259). Por outro lado, crescia nela o amor aos estudos, á filosofia e à sua universidade (STEIN, 2018, p.255).

Na universidade de Breslávia não existia um currículo rigoroso estabelecido, tal como em outras carreiras. A principal obrigação dos estudantes era cumprir certo programa para poder ser admitidos na docência de Ensino Superior (STEIN, 2018, p. 228). A liberdade acadêmica que imperava nesta universidade não a levou a perder seu horizonte nem seus objetivos, pois ela afirmava que “só tinha em vista a Filosofia por si mesma” (STEIN, 2018, p.228).

Estando a filosofia no centro de seus objetivos de estudo, também teve a oportunidade de dedicar-se a outros ramos de estudo; história, psicologia, língua e literatura alemãs (GERL-FALKOVITZ, 2019, p.11). Dentre todas essas matérias, a psicologia ocupou um lugar privilegiado nos estudos de Edith. Seus grandes mestres em psicologia experimental foram Stern e Hönigswald (MIRIBEL, 2001, p. 41). Não há dúvida de que nesses quatro semestres, Edith Stein esteve muito envolvida com a psicologia, por outro lado, este mundo parecia não preencher nem satisfazer seus objetivos intelectuais e acadêmicos. Talvez seu o desejo “era encarar a psicologia sob uma perspectiva filosófica” (GERL-FALKOVITZ, 2019, p.12).

O curso de Psicologia foi o primeiro de todos a que assisti. Isso podia ser um sinal premonitório, pois durante os quatro semestres de meus estudos em Breslávia interessei-me principalmente por Psicologia. Stern dava seu curso de maneira muito simples e acessível. Eu o assistia como se estivesse numa hora de conversa muito agradável e ficava até um pouco decepcionada. Era preciso fazer mais esforço com Hönigswald. Sua lucidez penetrante e o rigor com que conduzia sua reflexão me encantavam (STEIN, 2018, p. 226).

Junto às preocupações teóricas, questões sociais interessavam grandemente a Edith. Dentro das características desta grande personalidade é necessário destacar a virtude da consciência social ou da “responsabilidade social” (STEIN, 2018, p. 234). Virtude esta que a impulsionava a comprometer-se com causas que, em seu tempo, eram de grande impacto. Desde

a luta pelo direito ao voto das mulheres, até formar parte de um grupo pedagógico onde se aplicavam métodos de aprendizagens às crianças com necessidades especiais, deficiências físicas e situações precárias.

A responsabilidade social que Edith Stein manifestava, formava parte de sua personalidade e de seu ideal de vida estudantil, de tal forma que muitas vezes afirmou estar indignada com certos colegas que ficavam ‘nas superfícies’ de seus compromissos acadêmicos. Na sua autobiografia encontra-se um fragmento muito valioso sobre o tema da responsabilidade social que formava parte da personalidade desta filósofa (Cf. 2018, p.234). Parece propício tal fragmento para reconsiderar as ideias que são associadas aos estudantes, principalmente de filosofia, como aqueles que possuem preocupações unicamente teóricas e que se encontram isolados nos seus escritórios e bibliotecas. Nos escritos de Stein é possível observar a amplitude e o alcance que o pensamento de um autêntico filósofo pode contribuir nas realidades sociais:

Ao lado das preocupações puramente teóricas, eu tinha como motivo pessoal uma gratidão profunda para com o Estado que me tinha outorgado o direito de ingressar na universidade [...]. Eu considerava todos os pequenos privilégios que nossa carteira de estudante nos assegurava [...] e eles despertavam em mim o desejo de testemunhar mais tarde, na atividade profissional, minha gratidão para com o povo e o Estado. Eu ficava indignada com a indiferença que a maioria dos meus colegas ostentava diante das questões de interesse geral: uma parte deles, ao longo dos semestres, deixava-se guiar apenas por seu bel-prazer; outros, pelo desejo ansioso de adquirir os conhecimentos necessários ao exame e assim garantir para si uma melhor situação no futuro. Em razão desse forte sentimento de responsabilidade social, eu me engajei também, resolutamente, em favor do direito de voto das mulheres (2018, p. 234).

É necessário destacar desta etapa o aspecto religioso devido à situação posterior de sua vida e aos ideais que formarão parte de seu pensamento. Apesar das fortes raízes religiosas de origem judaica que sempre existiram no lar familiar de Edith Stein, ela mesma confessa como, em certo momento de sua vida, perdeu sua fé de criança (2018, p. 164). Esta realidade estendeu-se durante um largo percurso de sua vida. Talvez seja possível falar de um período de ceticismo, ateísmo ou indiferença religiosa desta filósofa, no entanto, é preciso salientar que tal tema é ainda polêmico entre os estudiosos steinianos. O que fica claro sobre Edith neste período, tal como afirma Elisabeth de Miribel, é que “se tratando de religião, era a própria indiferença [...] Edith, ela própria, confessa que até aos vinte e um anos não conseguia acreditar na existência de Deus” (2001, p. 41). Na sua autobiografia, Stein afirma que, durante seus estudos de línguas como o latim, grego e alemão antigo em Breslávia, ela teve os primeiros contatos com os Evangelhos, no entanto, nada disso despertava nela nenhum sentimento religioso (2018, p. 232). Por outro lado, é preciso considerar que ela nunca esteve fechada a qualquer discussão sobre

temas religiosos, ela mesma afirmou que sobre essas questões discutia com toda franqueza e abertura (2018, p. 232).

### 1.3 O encontro com a Fenomenologia de Edmund Husserl e os estudos em Gotinga

Edith Stein esteve completamente envolvida nos seus estudos e as outras atividades acadêmicas em Breslávia, no entanto era clara a manifestação de uma certa insatisfação. “Esta insatisfação explica por que a preocupação teórica se tornava cada vez mais aguda em Edith Stein” (GERL-FALKOVITZ, 2019, p. 12).

Durante o verão de 1912 e o inverno de 1912 e 1913 duas experiências foram para Edith uma luz no meio das trevas e das insatisfações no seu caminho intelectual. A filósofa encontra algo que a deixa totalmente fascinada e que cambiaria a direção de sua vida acadêmica. Seu descobrimento foi o método fenomenológico de Edmund Husserl. Edith Stein assistia um seminário dirigido pelo professor William Stern. Foram estudadas as principais problemáticas dos trabalhos psicológicos da escola de Warzburg, especificamente de filósofos como Külpe, Bühler, Meser, entre outros (STEIN, 2018, p. 271). Edith tinha que apresentar em cada semestre um seminário, mas chamaria sua atenção o fato de que todos os tratados que ela estudava citavam em todas partes as *Investigações lógicas* de Edmund Husserl (STEIN, 2018, p.271). Mas o que realmente a levaria a ter um encontro com tal obra, será um jovem professor que, enquanto lhe entrega o segundo volume da obra de Husserl, lhe disse: “Largue essa parafernália [...] e leia isto, pois é daqui que partem todos esses autores” (STEIN, 2018, p. 271).

Edith Stein passaria as férias do Natal mergulhada na leitura das *Investigações lógicas*. Esta experiência seria uma luz para seu espírito e tal luz a deixaria tão impactada que iria a fazer tudo quanto estivesse nas suas mãos para estudar em Gotinga. Ela, com efeito, sentia-se encantada pelo método e conhecimento objetivo que tal obra oferecia. Para Edith, Husserl era o filósofo e o mestre de seu tempo (MIRIBEL, 2001, p.42). A segunda experiência que reforçaria seu desejo de estudar em Gotinga seria encontrar num jornal a foto de uma estudante e discípula de Husserl que posteriormente se tornaria uma de suas grandes amigas<sup>2</sup>. Ela teria recebido um prêmio por seu trabalho filosófico. Neste ponto é importante lembrar que a luta

---

<sup>2</sup> “Hedwig Conrad-Martius [...], especialista em Filosofia da Natureza, estudou, entre outros lugares, em Gotinga e casou-se, em 1912, com Theodor Conrad, aluno de Husserl. O casal mudou-se para Bergzabern [...], em uma casa com grande pomar. Desde 1920, Edith Stein estabeleceu uma relação bastante estreita com eles. No dia 1º de janeiro de 1922, Hedwig Conrad-Martius tornou-se madrinha de batismo de Edith Stein” (STEIN, 2018, p. 272).

para que as mulheres ocuparam um espaço significativo na sociedade e principalmente nas faculdades sempre interessou a Edith, talvez esta experiência elevou as expectativas de possíveis oportunidades na cidade de Gotinga. Torna-se interessante analisar a experiência desta filósofa com o encontro do método fenomenológico e sua mudança de pensamento e de perspectiva, lemos:

Todos os meus estudos em Psicologia me tinham convencido apenas de que essa ciência ainda estava nos primeiros balbucios; faltava-lhe o fundamento indispensável de conceitos de base clarificados, e ela própria não estava em condições de forjar para si tais conceitos. Ao contrário, se me fascinava tanto o que até então eu havia aprendido de Fenomenologia, era porque ela consistia especificamente nesse trabalho de clarificação e porque, nesse campo, se forjavam desde o início as ferramentas intelectuais de que se necessitava. Nos meus começos em Gotinga, a lembrança do meu tema de tese em Psicologia causava-me ainda certo mal-estar, mas em seguida me livrei dele (STEIN, 2018, p. 277).

Com ajuda de seu primo Richard Courant, Edith chegaria a Gotinga em 1913, com vinte e um anos e “cheia de expectativa diante do que iria acontecer” (STEIN, 2018, p.299). O professor Moskiewicz, professor que tinha entregado nas suas mãos as *Investigações lógicas*, a animava dizendo-lhe: “Em Gotinga, não se faz outra coisa senão filosofar [...] só se fala de *fenômenos*” (STEIN, 2018 p. 271). Gotinga era uma cidade universitária e os estudantes eram o seu coração (STEIN, 2018, p. 304). Edith Stein permaneceria nesta cidade até o ano 1921, o ano de sua conversão ao cristianismo.

Para compreender a magnitude do impacto da fenomenologia de Edmund Husserl, não só sobre Edith Stein, mas também sobre muitos jovens, é necessário, mesmo que de maneira geral, entender o contexto do surgimento e do momento mais fecundo desta escola. Conforme a professora Hanna-Barbara Gerl-Falkovitz, a fenomenologia de Edmund Husserl surge num contexto onde o subjetivismo, o psicologismo e o historicismo generalizados dominavam filosoficamente. A realidade não era mais concebida de forma verdadeira, mas sempre determinada pelo sujeito e o pensamento perdia o próprio mundo em seu conjunto (2019, p. 13).

Edmund Husserl propus, como resposta, um caminho diferente e novo. As *Investigações Lógicas*, no ano 1900 produziram um impacto na filosofia e nas diversas faculdades. Estava no seu objetivo superar o naturalismo, o historicismo e os riscos do psicologismo (MIRIBEL, 2001, p. 44). Husserl deu um passo revolucionário “com Kant e contra Kant” (GERL-FALKOVITZ, 2019, p.14). Husserl tinha como proposta voltar as coisas mesmas. “A verdade

é necessária, imutável e eterna, ela se impõe a toda inteligência, seja a de um Deus, a de um anjo ou a de um demônio. Concebê-la de outro modo seria cair no relativismo e o relativismo equivale ao ceticismo” (MIRIBEL, 2001, p. 43). Na obra *vida de uma família judia* Edith Stein esclarece o impacto da obra de Husserl para a escola da fenomenologia:

As investigações lógicas haviam produzido seu impacto, sobretudo porque apareciam como um distanciamento radical do idealismo crítico de inspiração kantiana e neokantiana. Viu-se nelas uma “nova Escolástica”, porque a atenção desviava-se do sujeito para concentrar-se nas coisas: o *processo de conhecimento* aparecia de novo como um *ato receptivo* que recebia sua norma das coisas mesmas, e *não* - como o criticismo - *uma escolha determinada* que comunicava sua norma às coisas. Todos os jovens fenomenólogos eram realistas convictos (STEIN, 2018, p. 316)

Edith Stein conversaria, segundo o protocolo, com Adolf Reinach, discípulo de Théodore Lipps e braço direito de Edmund Husserl. Husserl mesmo admitiria que graças a Reinach ele compreenderia o alcance das suas *Investigações Lógicas* (MIRIBEL, 2001, p.50). O encontro com seu futuro mestre, Edmund Husserl, aconteceria alguns dias mais tarde. Este encontro seria significativo pois, a partir desse dia, Husserl intuiu que estava diante de alguém diferente. Ele ficaria surpreso e admirado quando a recém-chegada, Edith Stein, afirmaria para ele ter lido todo o segundo volume de suas *Investigações*. Dessa forma, ela seria aceita na faculdade de Gotinga (MIRIBEL, 2001, p. 54). Estes acontecimentos seriam o início de um grande percorrido intelectual no mundo da fenomenologia. Sua personalidade forte a ajudaria a destacar-se no meio de seu grupo. Ela formaria parte importante do famoso círculo de Gotinga ou, tal como ela o chamava: “o círculo íntimo de Husserl” (STEIN, 2018, p. 395). Ela seria “a melhor aluna de Husserl, (e) a confidente predileta de seu pensamento” (MIRIBEL, 2001, p. 58).

A experiência intelectual de Edith Stein foi muito rica neste período. Ela realizou várias pesquisas e artigos que foram publicados no *Anuário de fenomenologia de Edmund Husserl*. Também dirigia cursos introdutórios de fenomenologia para alunos pouco habituados com o vocabulário de Husserl (MIRIBEL, 2001, p. 61). Edith também se dedicou, durante certo tempo, a transcrever e preparar para a publicação os manuscritos estenografados de Husserl (GERL-FALKOVITZ, 2019, p. 15). É possível perceber como neste período Edith Stein era, inicialmente, uma receptora do pensamento do mestre (GERL-FALKOVITZ, 2019, p. 15). Seriam, principalmente, três realidades que levariam nossa filósofa a certa autonomia do seu pensamento dentro da fenomenologia. Autonomia que, segundo ela, representaria uma das

principais dificuldades dos iniciantes na fenomenologia (STEIN, 2018, p. 351). A primeira manifestação de tal autonomia acontece a partir de 1915 com sua primeira dissertação, mas principalmente acontece em 1916 com sua tese sobre a empatia. Ela explora nesta tese o tema da intersubjetividade sob a perspectiva fenomenológica (GERL-FALKOVITZ, 2019, p. 15). O segundo aspecto foi o “retorno ao idealismo por parte de Husserl” (STEIN, 2018, p. 317). Este retorno receberia resistências por parte de seus discípulos entre os quais estava Edith, ela viu-se obrigada a ser mais crítica em algumas das novas ideias de seu mestre. O último aspecto foi o interesse progressivo pela experiência religiosa por parte da filósofa que aos poucos impregnava seu pensamento filosófico e suas ideias. Com efeito, Husserl não conseguia assimilar a possibilidade de associar a filosofia e a religião (GERL-FALKOVITZ, 2019, p. 16).

Neste período não foram menos importantes os seus interesses sociais para com seu entorno, muito pelo contrário, ela manifestaria, mais uma vez, seu amor e zelo pela sua pátria, pela sociedade e pela humanidade. Seus estudos seriam interrompidos no ano 1914 pela guerra. Ela não duvidaria em trocar sua tranquilidade da vida estudantil pelo trabalho como voluntária na Cruz Vermelha na Morávia. Tal realidade fica mais evidente quando, ao terminar seu trabalho no hospital, expressa seu desejo de servir e sua total disposição para com a humanidade. Com efeito, especificamente nesse momento crítico da guerra, tudo era insignificante em comparação com os eventos que mantinham em permanente tensão o estado e a Europa (STEIN, 2018, p.386)

#### **1.4 A conversão ao cristianismo e a etapa de sua maturidade filosófica**

Mostrou-se que a postura de Edith Stein, até certo momento, diante da religião e de Deus era uma postura de total indiferença e apatia. Certos acontecimentos de sua vida a conduziram a um processo de conversão que a levariam por caminhos tão inesperados. Caminhos que a impulsaram a tornar-se monja Carmelita e caminhos que a levaram a ser aquilo que o Catolicismo chama de mártir e exemplo de santidade. Certamente, aprofundar este aspecto não compete à natureza deste trabalho, por outro lado, é importante considerar certos elementos desta etapa que não teriam como ser ignorados, pois influenciaram sobremaneira seu pensamento filosófico. Com efeito, tal como afirma Husserl, quando tomou conhecimento de sua entrada para um convento do Carmelo: “tudo nela é autêntico” (MIRIBEL, 2001, p.118). Husserl, apesar de não ter sido tão compreensivo com sua decisão, entendeu, tal como muitas



outras pessoas, que Stein era uma mulher cheia coerência e radicalidade, onde suas convicções e seus pensamentos intelectuais deviam estar em concordância com sua vida e vice-versa.

A conversão da filósofa ao catolicismo é datada no verão de 1921. Edith costumava visitar em certos períodos a sua amiga filósofa Hedwige Conrad-Martius em Bergzabern. Ela encontraria na biblioteca de sua amiga um livro que narrava a vida de Santa Teresa de Jesus. Ela passaria toda a noite entregue a esta leitura acompanhada de um missal e um catecismo. Sua experiência com esta leitura a deixaria tão cativada, que ela mesma afirmaria não conseguir parar de ler até acabar a leitura do livro. Ela finalizaria este encontro com uma expressão que, talvez reflète aquilo que durante sua vida foi seu desejo: “isto é a verdade” (MIRIBEL, 2001, p. 64). Ela continuaria aprofundando os fundamentos da fé Católica por meio das Escrituras, do Missal e do Catecismo. Quanto se sentiu preparada, foi com total determinação a uma igreja para assistir o rito da missa e no final da celebração litúrgica aproximou-se à sacristia para pedir o batismo. Diante do assombro por parte do sacerdote, Edith pediu ser interrogada. O padre aceitou tal petição e consecutivamente marcaria seu batismo no dia primeiro de janeiro de 1922 (MIRIBEL, 2001, p. 69).

Biógrafos desta filósofa afirmam que, apesar de ser por meio da leitura da vida de santa Teresa que ela seria assumiria radicalmente sua conversão ao cristianismo, Edith, já muito antes desta leitura, estava preocupada com o tema da fé e da religião; escritos anteriores a sua conversão parecem indicar isto (SANCHO FERMÍN, 2019, p. 4). Elisabeth de Miribel afirma que “a leitura da vida de Santa Teresa foi o golpe final da graça que fez com que Edith pedisse o batismo” (2001, p.64). O conhecimento e a curiosidade pelo mundo católico, afirma Edith Stein, foi depositado de maneira sutil na sua vida pelo filósofo Max Scheller (1874-1928). Este filósofo exercia grande influência sobre os jovens fenomenólogos (MIRIBEL, 2001, p.56) e Edith sentia grande admiração por ele:

Para mim, como para muitos outros, sua influência naqueles anos foi de grande importância, indo bem além do domínio da Filosofia. Não sei em que ano Scheller voltou à Igreja Católica, mas provavelmente não fazia muito tempo. Era de todo modo a época em que estava cheio de ideias católicas e sabia se fazer defensor delas com toda a maestria de sua mente e de sua eloquência. Foi assim que entrei em contato pela primeira vez com esse universo que me era até então totalmente desconhecido. Esse contato ainda não me conduziu à fé, mas abriu-me um domínio de “fenômenos” perante os quais eu não mais podia ficar às cegas [...] Várias pessoas com que eu convivia cotidianamente e por quem tinha admiração pertenciam a esse universo. Elas mereciam, sem dúvida nenhuma, que eu refletisse seriamente sobre ele. (STEIN, 2018, p. 332-333).

Diante da consideração de certos detalhes e circunstâncias sobre sua conversão, pode surgir como pergunta: qual a importância da sua conversão para o estudo de seu percurso filosófico? Certamente, a primeira impressão de muitos biógrafos e estudiosos de Edith Stein é que sua produção filosófica, a partir de sua conversão ao catolicismo parecia estagnar-se (SANCHO FERMÍN, 2019, p. 5). Pode-se dizer que isto, de certa forma e, em certo momento, ocorreu. Talvez num momento de discernimento sobre o seu futuro, ou talvez num momento de confusão pensou que a melhor decisão era renunciar a todo o que intelectualmente ela construía. Foi graças a um outro mestre que entenderia e reconsideraria novamente sua missão com a filosofia:

Desde antes de minha conversão já era meu desejo entrar para a vida religiosa, isto é, esquecer os acontecimentos da terra, ocupar-me somente das coisas divinas, pouco a pouco, porém, compreendi que outra coisa nos era pedido no mundo e que mesmo entregue a uma vida contemplativa não se deve cortar toda ligação com o mundo. Lendo santo Tomás, pareceu-me possível pôr o conhecimento a serviço de Deus e foi então, e somente então, que consegui retomar seriamente meus trabalhos (MIRIBEL, 2001, p. 71).

Edith Stein assume com responsabilidade o conselho do jesuíta Erich Przywara (1889-1972) de aprofundar o estudo de Tomás de Aquino. No ano 1923 Edith Stein chega a um colégio de dominicanas para dar aulas. Simultaneamente, aprofundava seus estudos, realizava trabalhos filosóficos e, principalmente, realizava as traduções de obras como as *Cartas e Diários* de Newman (SANCHO FERMÍN, 2019, p. 11). Seu principal trabalho foi a tradução da obra de Tomás de Aquino, *Quaestiones disputatae de veritate*. Por meio do contato com essa obra a filósofa aprofundaria e se familiarizaria com a doutrina tomista.

Não há dúvida quando os estudiosos de Edith Stein a chamam de uma autêntica discípula Tomás de Aquino. No entanto como afirma o prólogo de sua maior obra *Ser Finito e Ser Eterno*, escrito no ano 1936: “Santo Tomás encontrou nela uma aluna com muito respeito e de boa vontade, mas ela não podia fazer de seu intelecto uma *tabula rasa*” (STEIN, 2019b, IX). Por um lado, considerando as várias escolas, as diversas motivações e as diferentes interpretações das obras de Tomás de Aquino que já estavam presente no século XX, Edith Stein afirmou numerosas vezes que não se sentia nem um pouco à vontade em meio aos tomistas neoescolásticos (GERL-FALKOVITZ, 2019, p. 22) por razões que posteriormente serão aprofundadas. Tal como declarou Elisabeth De Miribel, que “não era o tomismo que a interessava, mas sim o pensamento original de Santo Tomás” (2001, p. 72). No entanto, Edith Stein com este pensamento “original de santo Tomás” pensava fazer algo mais que

simplesmente absorvê-lo. Sua grande e nova motivação seria a confrontação da filosofia contemporânea da fenomenologia, com a qual estava grandemente familiarizada, com o novo mundo por ela descoberto a filosofia de Tomás de Aquino. Esta missão será evidenciada em uma série de artigos e pequenos trabalhos onde o centro é a confrontação de estes dois mundos. Um dos primeiros trabalhos onde aparece por primeira vez esta motivação é um artigo datado no ano 1924, com o nome: *O que é a fenomenologia*, neste pequeno artigo Edith explicita o estado da filosofia no seu tempo, a atitude da filosofia católica e da filosofia moderna e a impossibilidade de estas dialogar. No entanto, a primeira e mais clara expressão do desejo da Filósofa Stein querer estabelecer um diálogo entre Husserl e Tomás, aparece em dois trabalhos feitos para homenagear a seu mestre Edmund Husserl no seu 70º aniversário, no ano 1929. O primeiro é uma obra em forma de diálogo: *o que é filosofia? Uma conversa entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino*. A segunda obra aparece em forma de ensaio, é um artigo chamado *a fenomenologia de Husserl e a filosofia de santo Tomás de Aquino: ensaio de um cotejo*.

Em 1931, Edith Stein abandonou Espira junto com seu ofício de educadora. Já tinha terminado a tradução da obra de Santo Tomás *De Veritate* e começou um trabalho chamado *Ato e potência* onde aprofundava os principais princípios aristotélico-tomistas e os confrontava com sua perspectiva fenomenológica. Este trabalho seria apresentado como finalidade para habilitação de uma cátedra universitária, desejo que sempre esteve presente em Edith, no entanto, que se viu frustrado por tantos inconvenientes sociais da época: o primeiro, por ser mulher e o segundo, por ser judia.

No ano 1932, quando viajou a Münster para ser professora de pedagogia e antropologia, foi convidada a uma região de Paris chamada Juvisy para participar do Congresso Internacional tomista. Esta Sociedade dedicaria neste ano sua primeira jornada de estudos à fenomenologia: “a fenomenologia e suas relações com o tomismo” (SANCHO FERMÍN, 2019, p. 14-15). Segundo o professor Juvenal Savian esta conferência tinha como pano de fundo “resolver a questão da concordância ou contradição da fenomenologia com o tomismo, e, de maneira mais ampla, da fenomenologia com a fé católica” (2019, p. 167-168). A maioria dos que participaram nesse encontro eram estudiosos do tomismo ou do pensamento histórico de Tomás. Edith Stein seria a mais destacada na fenomenologia e quem esclareceria aspectos importantes para a compreensão desta corrente filosófica (SAVIAN FILHO, 2019, p. 168).

Durante as numerosas ocupações e trabalhos intelectuais e filosóficos, no interior desta filósofa brotava o desejo de consagrar-se à vida contemplativa Carmelita. Diversas situações a

fizeram entender que já era o momento de tal decisão. Tal como escreveu dom Walzer: “Desde o momento em que não pude mais retê-la no mundo, ela correu direto para o Carmelo, como uma criança que se atira alegre, nos braços de sua mãe (MIRIBEL, 2001, p.139). Stein era consciente que sua atividade filosófica deveria ser interrompida. No entanto no ano 1935, depois de sua primeira profissão, retomaria o trabalho filosófico por petição de seus superiores. Seu rascunho *Ato e Potência* seria recriado, pois se centraria na questão do ser em toda sua expressão. Fruto de seus conhecimentos recolhidos até então, especialmente do tomismo e da fenomenologia concluiu no ano 1936 sua grande obra *Ser Finito e Ser Eterno*.

Os últimos escritos dos quais se tem consciência datam até 1942, ano de sua morte num campo de concentração de Auschwitz. A maioria destes últimos escritos são de caráter mais teológico, espiritual e místico. Foram numerosos escritos que surgiram neste período, que partiram desde sua experiência religiosa e humana. Uma das principais obras seria a *Ciência da Cruz*, obra inacabada e escrita por ocasião do quarto centenário do nascimento do místico e doutor da igreja São João da Cruz. Nela se aprofunda o estudo do mistério da Cruz de Cristo e se discorre na experiência do santo e místico carmelita sobre tal mistério. Esta obra estaria em concordância com uma pequena mensagem que a filósofa carmelita mandaria para seu convento desde os campos de concentração: “Não se pode adquirir uma ciência da Cruz, [...] sem começar por suportar verdadeiramente o peso da Cruz [...] *Ave crux, spes unica*”<sup>3</sup> (MIRIBEL, 2001, p. 190).

As informações sobre a morte da filósofa foram, durante muito tempo, cobertas de mistério. Já no ano 1947 chegavam informações ao Carmelo de Colônia que a morte de Edith era um fato: “é certo igualmente que ela foi assassinada em Auschwitz e não na Holanda” (MIRIBEL, 2001, p. 193). Três anos mais tarde, em 1950, chegariam informações oficiais de que morte de Edith Stein teria acontecido o dia 9 de agosto de 1942. Na verdade assassinada e parte do grande número de vítimas da câmara de gás de Autchwitz.

## **2 POSSÍVEIS DIÁLOGOS E TENSÕES ENTRE HUSSERL E TOMÁS DE AQUINO**

A professora Monika Adamczyk sustenta a tese de que o conceito steniano de *Filosofia cristã* surge no campo de tensão entre a filosofia de Tomás de Aquino e a fenomenologia de Edmund Husserl (2022, p. 139). Desta forma, é necessário analisar alguns textos fundamentais

---

<sup>3</sup> Salve Cruz, única esperança.

onde aparece, de forma mais evidente, a confrontação e o diálogo que a filósofa realiza entre seus dois mestres. Este capítulo pretende aprofundar as tensões e as relações entre a filosofia tomasiana e a fenomenologia husserliana vivenciadas por Edith Stein no processo de construção de seu pensamento filosófico, pois é a partir de tal realidade que surge o pensamento genuíno da autora.

## 2.1 Apresentação da problemática

O interesse de Edith Stein estabelecer um diálogo entre a filosofia de Tomás e a filosofia de Husserl aparece por primeira vez num pequeno artigo publicado no ano 1924 intitulado *o que é a Fenomenologia?* O artigo começa com um contexto histórico onde a autora apresenta o ambiente onde surge a fenomenologia como corrente filosófica. Segundo a autora, a fenomenologia surge num contexto onde predominavam dois campos filosóficos; a filosofia kantiana e a filosofia escolástica. Tanto a filosofia kantiana quanto a tradição escolástica se caracterizavam por manterem um abismo entre si, pois os filósofos destas correntes e os trabalhos por eles realizados não estavam abertos à comunicação e ao diálogo (DE LIMA, 2020, p. 11).

A filosofia moderna pode ser dividida em dois grandes campos: a filosofia católica, que dá continuidade às grandes tradições da escolástica, principalmente de Santo Tomás, e a filosofia que enfaticamente se autodenomina moderna, começando com a Renascença, culminando em Kant e encontrando-se hoje fragmentada em uma série de interpretações diversas e ulteriores desdobramentos da doutrina kantiana. Esses dois campos, até há poucos anos, não se interessaram muito um pelo outro. O não católico não costumava estudar a escolástica, assim como o estudioso católico mediano não costumava estudar Kant (STEIN, 2019a, p.37-38).

Na análise do contexto histórico da filosofia do seu tempo, Edith Stein tem duas intuições que contribuiriam para seu trabalho. A primeira intuição é a afirmação e o reconhecimento de que esse duplo registro, de fechamento ao diálogo por parte da filosofia de tradição escolástica e da filosofia autodenominada moderna não se sustentaria a longo prazo o que as tornariam filosoficamente insuficientes. A segunda intuição é que o método fenomenológico de seu mestre Edmund Husserl poderia contribuir e preparar um caminho para evidenciar o reconhecimento da necessidade do diálogo filosófico (STEIN, 2019a, p.38), embora Edith Stein reconheça que não fazia parte do objetivo de Husserl preparar um caminho para o diálogo, nem ser um mediador entre a filosofia escolástica e a filosofia moderna. A pesquisadora Ursula Anne Matthias afirma que é possível observar na fenomenologia

elementos mediadores entre essas filosofias aparentemente irreconciliáveis, no entanto, “mediar a filosofia moderna e a filosofia medieval cristã nunca foi um propósito explícito de Husserl, mas de Edith Stein” (2019, p. 34).

Esta mesma problemática aparece de maneira mais detalhada na introdução de sua magna obra *Ser finito e Ser eterno*. A autora parte de uma análise da questão do Ser ao longo do tempo, um assunto, que segundo a autora e muitos outros filósofos, permanecia ainda sem solução: “o que é ente? É dizer, que é a *ousía*<sup>4</sup>?” (STEIN, 2019b, p.29). A Filosofia de Aristóteles se destaca pela tentativa de dar uma resposta sistemática a esta pergunta. Santo Tomás, dentre os medievais, se destaca por enfrentar este problema auxiliado pela filosofia aristotélica, no entanto, tal como era próprio da filosofia cristã medieval, Tomás trabalhou tal questão por meio de um diálogo e colaboração entre a filosofia e a teologia, reconhecendo ambas como fontes genuínas de conhecimentos. O pensamento filosófico moderno trabalharia desprezado da tradição, os laços com a fé e a teologia seriam rompidos, seu problema central seria sobre o conhecimento no lugar do ser, a verdade revelada não ocuparia o mesmo lugar que outrora e estas não eram mais norma para examinar os resultados da razão; é neste ponto que se apresenta novamente a separação (STEIN, 2019b, p.29-31).

Tampouco aceitava (a filosofia moderna) as tarefas que lhe estabelecia a teologia, porque queria resolver as dificuldades por seus próprios meios. Considerava seu dever limitar-se à ‘luz natural’ da razão, e, além disso, não ultrapassar o mundo da experiência natural. Queria ser uma ciência autônoma em toda a significação do termo. Isso a levou em grande medida a ser uma ciência ateia. E produziu-se a divisão da filosofia em dois grupos que caminhavam separadamente, falavam línguas diferentes e não se preocupavam em se compreender mutuamente: a filosofia ‘moderna’ e a filosofia escolástica católica, que se considerava a si mesma como *philosophia perennis*, mas que diante dos olhos das pessoas que lhe eram estranhas não era mais que a doutrina privada das faculdades católicas, dos seminários e dos colégios religiosos (STEIN, 2019b, p.32)

Em continuidade, a filósofa argumenta que a filosofia moderna se percebe incapacitada de caminhar da forma como caminhou por quase três séculos. Por meio da filosofia kantiana via-se uma possibilidade de sair do materialismo, no entanto, tal tentativa não seria suficiente. É nesse contexto que surgem diversos movimentos filosóficos que buscam orientar-se novamente em direção ao *ente*, com a intenção de restituir a menosprezada ontologia. Edith menciona como expoentes deste movimento a fenomenologia de Husserl e Scheler como

---

<sup>4</sup> Substancia ou essência.

filosofia das essências, Heidegger com a filosofia da existência e Hedwig Conrad-Martius com sua doutrina do ser (STEIN, 2019b, p.33).

É evidente como aparece novamente no centro da preocupação de Edith Stein a problemática da cisão entre a filosofia moderna e a filosofia escolástica, pois aparece novamente a filosofia de Husserl como um possível ponto de encontro e mediação. Esta problemática ocupava um lugar privilegiado no pensamento e nas preocupações da filósofa judia. Por outro lado, é preciso afirmar que esta preocupação era uma realidade que formava parte de um círculo de pensadores do seu tempo.

O prólogo da obra *Ser Finito e Ser Eterno*, datado no ano 1936, escrito por uma amiga datilógrafa de Edith Stein, cuja apresentação aparece como “A AUTORA”, (2019b, XIV) manifesta que o esforço de incorporar o pensamento medieval com o pensamento contemporâneo, assumido plenamente pela filósofa, não seria uma preocupação inteiramente dela, mas dominava o centro da atividade intelectual de vários filósofos (2019b, X). O frade carmelita Francisco Javier Sancho Fermín escreve um aspecto interessante que sintetiza o anteriormente apresentado, lemos:

Exatamente um dos grandes desafios do catolicismo alemão consistia no restabelecimento do diálogo entre fé e cultura, entre cristianismo e pensamento moderno. Nesta perspectiva é que se pode valorizar corretamente toda a atividade científica steniana desses anos. Sua preocupação e seu desejo é traçar pontes, superar o abismo existente entre cultura moderna e pensamento cristão; edificar bases sólidas para um encontro e um diálogo proveitoso. Desta forma, os artigos que preparou nessa época fazem registro de uma maneira explícita desse desejo ou necessidade de travar um diálogo (2019, p.12).

O esforço do diálogo entre fé e cultura, entre cristianismo e pensamento moderno foi uma marca característica em Edith Stein. Nesse aspecto, é possível afirmar que a filósofa se encontrava vários passos adiante de seu tempo. A ‘crise do modernismo’ seria o nome característico, nos meios religiosos, para descrever o contexto da época, pois novos sacerdotes eram obrigados a fazer um juramento ‘antimodernista’ e o *Index Librorum Prohibitorum* (Índice dos Livros Proibidos) ainda estava em vigor. Edith Stein, antes de sua conversão teria pleno contato e conhecimento com o espírito moderno de seu tempo. Chama a atenção que Edith Stein pediu ao bispo que a crismou a permissão de conservar para seus estudos algumas obras de autores como Henri Bergson, David Hume, Immanuel Kant, John Locke, Baruch Spinoza, entre outros listados no *Index* (VARGAS, 2021, p.219-220).

Desta forma, percebe-se um esforço de diálogo, de confronto e de incorporação entre a filosofia medieval e contemporânea, onde muitos filósofos participaram e contribuíam. Edith Stein, além de estar sumamente envolvida em tal missão, foi amplamente reconhecida e referenciada no mundo intelectual por este trabalho. Sua significativa participação no Congresso Internacional Tomista na cidade de Juvicy, no ano 1932, onde o tema central era analisar as relações entre a fenomenologia e tomismo, evidenciam este fato. Neste congresso a filósofa Edith esclareceu aspectos importantes e confusões sobre pensamento fenomenológico. A filósofa apresentou certos temas da fenomenologia que geravam polêmicas entre os tomistas, entres estes, o idealismo husserliano e suas implicações metafísicas. Edith defende que a ideia de que há vários pontos em comum entre a filosofia tomasiana e a filosofia husserliana, principalmente como dois filósofos que buscam uma análise das essências objetivas e este seria, para a filósofa, a mais forte semelhança entre ambos filósofos (STEIN, 2019a, p. 179)

## 2.2 Confrontação

Edith Stein reconheceu a dificuldade na tarefa de fazer dialogar dois filósofos separados no tempo e no espaço. A primeira dificuldade é a necessidade de um amplo conhecimento de ambas filosofias; no seu caso, foi preciso um maior aprofundamento do mundo novo para ela da filosofia tomasiana. Certamente, “quando se provem do universo de pensamento de Husserl, não é de todo fácil encontrar um caminho que leve ao universo de pensamento de Santo Tomás” (STEIN, 2019a, p.99). Os desafios da aproximação da filosofia de Santo Tomás, a partir das referências da fenomenologia de Husserl, são comparadas pela autora a uma viagem que consiste em partir de sua *terra natal*, a fenomenologia, para chegar ao destino específico da *cátedra escolástica* (VARGAS, 2021, p.219). Foi grande o desafio de Edith Stein para alcançar um conhecimento adequado e suficiente para realizar sua tarefa proposta. Foi, igualmente, desafiador buscar, como ponto de partida, o próprio Tomás de Aquino, e não assumir certas posturas dominantes do neotomismo que a incomodavam.

O prólogo de sua tradução da obra tomasiana *De Veritate*, considerada a primeira versão alemã da obra, deixa evidenciado o desafio que se apresenta no projeto de comparar e confrontar a filosofia medieval com a filosofia moderna:

Quando alguém se forma na teoria do conhecimento moderna, não só resulta extraordinariamente difícil conseguir realizar uma valoração crítica acerca da concepção do conhecimento segundo Tomás de Aquino, senão que incluso conseguir



uma vaga compreensão deste se faz tremendamente difícil. As perguntas que para o experto na teoria moderna do conhecimento são chaves essenciais – pensemos na fenomenológica ‘Que é o conhecimento segundo a sua essência?’ ou na kantiana ‘Como é possível o conhecimento?’ – não se formulam, em absoluto, *ex professo*, mas com grande esforço deve buscar-se uma resposta desde notas dispersas – se é que por acaso é possível uma resposta. Por outra parte, se tratam coisas que ficam muito à margem dos alvos dos filósofos modernos e que, à primeira impressão, parecem bagatelas em relação com aquelas perguntas centrais - o conhecimento dos anjos, do homem em todos seus estados, da alma após a morte, etc [...]. Não é um começo estéril, querer abrir caminho para uma compreensão? Não parece como se houvesse só dois caminhos, ou seguir o santo no seu terreno e deixar as perguntas modernas completamente de lado ou correr traz os indícios destas perguntas ao nosso modo, sem que nos preocupemos por estas investigações que nos resultam tão remotamente distantes? Creio que não podemos ficar tranquilos procedendo assim. Se há um núcleo de verdade aqui e ali, também deve haver uma ponte. E, sem dúvida, se queremos que os escritos do santo nos ajudem a resolver nossos problemas, temos que percorrer seu caminho. Mas não é suficiente não perder de vista este fim. É preciso tentar constatar se é possível encontrar uma resposta às nossas perguntas no que encontramos nele, – ou bem, os fundamentos para rejeitar a proposta moderna (RAMOS, 2019, não paginado, tradução nossa)

No texto *o que é filosofia? Uma conversa entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino*, Edith Stein expõe, em forma de um diálogo fictício, uma conversação entre seus dois mestres e fontes filosóficas principais. Neste diálogo, a filósofa de Breslávia apresenta seis aspectos que evidenciam certos pontos em comum e certas diferenças entre os filósofos antes mencionados. Estes mesmos aspectos aparecem de forma mais clara e sistemática num artigo-ensaio praticamente idêntico ao diálogo fictício. Este artigo está intitulado *a fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino: ensaio de um cotejo*. Os seis aspectos por ela apresentados são: *a filosofia como ciência rigorosa, a razão natural e sobrenatural; crer e saber, filosofia crítica e filosofia dogmática, filosofia teocêntrica e filosofia centrada no eu, ontologia e metafísica* e, finalmente, a questão da *intuição como método fenomenológico e método escolástico*. Estes aspectos merecem ser aprofundados e possuem aspectos importantes para a construção do pensamento de Edith Stein. No entanto, por razões metodológicas e por limitações dos interesses deste trabalho serão aprofundados o tema da *filosofia como ciência rigorosa* e o tema da *razão natural e sobrenatural; o crer e o saber*. Este último aspecto aparece (junto com a problemática das dificuldades da expressão linguística) na sua obra *Ser finito e Ser Eterno* como o ponto de partida para a consideração da possibilidade de uma Filosofia cristã.

## 2.2.1 Filosofia como ciência rigorosa

O primeiro ponto possível de encontro para realizar uma mediação entre Tomás de Aquino e Edmund Husserl será uma pessoa: Franz Brentano (1838 - 1917). Sabe-se que Brentano foi uma das mais importantes referências na construção do método fenomenológico de Edmund Husserl. Conceitos como psicologia descritiva, consciência e intencionalidade foram desenvolvidos por Brentano e influenciaram a obra e o pensamento filosófico de Husserl.

Mas qual é a relação que Brentano estabeleceria entre o pai da fenomenologia e o doutor angélico? Edith recorre às raízes da formação de Husserl e encontra nela profundas bases do método rigoroso escolástico. Brentano era um ex-padre católico que posteriormente abandonaria a Igreja; Giovanna Reale e Dario Antiseri o apresentam como um filósofo altamente conhecedor da filosofia aristotélica (2006, p.178). Nas *investigações lógicas* de Husserl, especificamente na quinta investigação, aparece a grande influência de Brentano sobre o conceito de *consciência como vivência intencional* (HUSSERL, 1929, p.149). Husserl e Brentano serão, justamente, os principais responsáveis em retomar o famoso conceito escolástico de *in-existência intencional ou mental de um objeto* (HUSSERL, 1929, p.150). No entanto, Edith Stein ressalta o fato de Brentano conquistar a atenção de Husserl pela maneira de tratar as questões filosóficas.

O modo de pensar e ensinar de Brentano disse a Husserl que a filosofia poderia ser mais do que uma falação erudita; e, bem exercida, poderia satisfazer às mais altas exigências de rigor científico às quais Husserl, como matemático, estava habituado. Porém, de onde provinha aquela precisão aguda do pensamento de Brentano que tanto cativou Husserl e lhe pareceu tão nova no campo da filosofia? De onde vinha aquela clareza cristalina na formação de conceitos? Não era herança escolástica? Brentano cresceu na rigorosa escola da filosofia católica tradicional, cujo modo exato de pensar formou seu espírito; e encontra-se algo semelhante no modo exato de pensar de Husserl, bem como na concisão de sua expressão. (STEIN, 2019a, p. 100).

Para Edith Stein, tanto em Husserl como em santo Tomás prevalece a precaução e o paradigma de fazer filosofia por meio de um método rigoroso e de caráter científico. Ambos consideram que a filosofia tem por finalidade essencial buscar a verdade, ambos compreendem que a filosofia “não é coisa de sentimento, da imaginação, de nobres entusiasmos, nem de opinião pessoal” (STEIN, 2019a, p.101) e ambos possuem a “convicção de que um *logos* vigora em tudo o que há e de que nosso conhecimento é capaz de descobrir gradativamente e sempre

mais esse *logos* se se deixa guiar pelo princípio da mais rigorosa honestidade intelectual”<sup>5</sup> (STEIN, 2019a, p.101-102).

O conceito de *filosofia como ciência rigorosa*<sup>6</sup> conduz a um outro conceito que assume um lugar importante na filosofia de Edith Stein: *philosophia perennis*<sup>7</sup>. A filosofia escolástica, como antes foi mencionado, se considerava a si mesma como *philosophia perennis*. No entanto, tal terminologia assume, durante o transcorrer do tempo, um conteúdo conceitual totalmente diferente do qual nossa filósofa apresenta: “A *philosophia perennis* ficou como um sistema rígido de conceitos que se transmitem de uma geração a outra como propriedade inanimada” (STEIN, 2019b, p.32). Este conceito distancia-se e vai em contramão, afirma Edith, do modo fenomenológico de filosofar. Com efeito, Husserl nunca teve a pretensão de construir um sistema filosófica ou um edifício intelectual completo, perfeito e fechado, onde cada questão filosófica encontra sua resposta (STEIN, 2019a, p. 149). Desta forma, se a compreensão de filosofia clássica escolástica é entendida sob esta compreensão de *philosophia perennis*, é impensável a relação da fenomenologia com a filosofia tomasiana. Sem embargo, para Edith Stein, *philosophia perennis* é “um espírito do genuíno filosofar que vive em todo genuíno filósofo” (2019a, p.100). Neste termo desemboca um movimento interior irresistível para questionar, indagar e mergulhar na racionalidade implícita no mundo (STEIN, 2019a, p.101). Este espírito filosófico está, inicialmente, em *potência* em cada autêntico filósofo e só, posteriormente, se faz *ato* quando tal espírito é orientando por um mestre, por uma doutrina e por um método. É neste sentido que é possível relacionar a fenomenologia de Husserl com uma *philosophia perennis*. De igual forma, a filosofia tomista também possui características próprias deste espírito de filosofar. Tal como afirma Edith: “O ‘tomismo’ não nasceu do pensamento de

---

<sup>5</sup> A necessidade de um método rigoroso na atividade filosófica, a concepção de filosofia como atividade que busca a verdade, a compreensão da realidade como essencialmente inteligível são convicções que cativaram o pensamento de Edith Stein e regeram sua própria atividade filosófica.

<sup>6</sup> *Filosofia como ciência rigorosa* ou *Filosofia como ciência de rigor* é uma obra-artigo de Edmund Husserl, onde o autor estabelece a pretensão histórica da filosofia querer elevar-se a ciência e problematiza as frustrações desta disciplina por falta de método e sistema. “Ora, a imperfeição da Filosofia é inteiramente diferente da de todas as ciências que acabamos de descrever. Não somente não dispõe de um sistema doutrinário completo e apenas imperfeito nos respectivos pormenores - não dispõe de sistema algum. Tudo aqui é discutível, todos os juízos dependem da convicção individual, da escola, da opinião” (HUSSERL, 1952, p.3).

Nesta obra Husserl propõe o método fenomenológico como solução para esta pretensão, no entanto, livrando-se das doutrinas naturalistas, psicologistas e historicistas que dominavam o ambiente intelectual.

<sup>7</sup> Na obra *Ser finito e Ser eterno*, Edith esclarece o termo de *philosophia perennis*, acunhado no ano 1540, por Agostino Steuco. Este conceito “buscava o primeiro princípio de todo saber, segundo a verdade universal válida, que se encontra nos povos de todos os tempos, isto é, a concordância da sabedoria dos antigos povos com o ensinamento cristão, partindo da revelação e da filosofia” (STEIN, 2019b, p. 32).

seu professor como um sistema concluído. Consideramo-lo como uma viva criação do espírito, cuja formação e crescimento podemos seguir de perto” (2019b, p.33).

Em consideração de todos os aspectos anteriores, finalmente Edith Stein considera, talvez de maneira ousada, que Husserl, apesar de sua clara independência e autonomia filosófica, teve certos mestres, por meio de canais diretos e indiretos. Por canais diretos podem-se afirmar Brentano, Descartes e Hume, e por meios mais discretos, afirma Edith, deve ser contado Tomás de Aquino (2019a, 101).

Certamente, tal afirmação pode gerar polêmicas e críticas de parte de estudiosos de Husserl. No entanto, fundamentando-se nas argumentações anteriores e ressaltando que a filósofa de Breslavia afirma que este ensinamento seria por uma via discreta e não consciente é possível aceitar esta afirmação. Edith Stein sustenta sua argumentação afirmando que, igualmente, Tomás não pode ser considerado única e exclusivamente discípulo de Aristóteles, mas também de Platão e de santo Agostinho. Edith demonstra como é possível que grandes e genuínos filósofos caminhem juntos além dos limites do espaço e do tempo. (STEIN, 2019a, p. 101). No Diálogo *o que é a filosofia* Edith Stein atribui a Husserl uma afirmação que percorre a compreensão fenomenológica da filósofa:

Quando minhas *Investigações lógicas* foram publicadas [...] meus adversários, que se tomavam por modernos, as criticavam dizendo: ‘Isso é uma nova Escolástica! Minha resposta foi: ‘Não entendo nada da Escolástica, mas se é isso que se encontra nos livros daquele período, tanto melhor para a Escolástica. (STEIN, 2019 a, p. 57)<sup>8</sup>.

Não há, por conseguintes dúvidas em afirmar que ambos filósofos desejavam praticar uma filosofia como ciência estrita e rigorosa. Este aspecto que cativou, em determinado momento, a Husserl na metodologia escolástica de Brentano, cativou igualmente a Edith Stein. Certamente, ela pode ser caracterizada por ser uma autora cujos trabalhos aparecem animados pela busca de precisão e clareza (REYES GACITÚA, 2016, p. 87).

---

<sup>8</sup> Estas afirmações concordam com certas declarações de Husserl, tanto nas suas *Investigações lógicas* quanto no seu artigo *Filosofia como ciência de rigor*, onde se evidenciam as frequentes acusações e críticas realizadas ao filósofo por assumir, supostamente, na sua filosofia uma espécie de retorno à escolástica. Nos prolegômenos para uma lógica pura ele afirma: “a objeção que afirma que se trata de uma restauração da lógica aristotélico-escolástica, sobre cujo escasso valor a história pronunciou seu julgamento, não deve inquietar-nos” (1929, p. 55). Igualmente, tais acusações aparecem no seu artigo quando propõe o método fenomenológico em contraposição do naturalismo: “o analista fenomenológico, que não deduz juízo algum dos significados das palavras, mas cuja contemplação penetra nos fenômenos que a Língua sugere como as palavras receptivas, ou que mergulha naqueles que constituem a plena concreção de noções empíricas, matemáticas, etc., - por isso haverá de ser também estigmatizado de escolástico? (1952, p.23)

### 2.2.2 Razão natural e sobrenatural; crer e saber

A compreensão do crer e do saber, do conhecimento natural e sobrenatural torna-se mais complexo, pois neste tema se encontram pontos em comum e pontos de claras divergências entre Husserl e Tomás. Estes pontos não serão ignorados ou desconsiderados pela nossa filósofa, muito pelo contrário, a conduzirão a um caminho mais independente na sua atividade filosófica.

Edith Stein aprofunda o que pode ser considerado na filosofia como uma fonte de conhecimento válida confiável. Ela coloca em questão a compreensão da *ratio* tanto em Husserl como em Tomás, pergunta pela atitude diante da fé e da revelação que nos dois filósofos era evidentemente diferente e pergunta pelo papel da fé dentro do pensamento filosófico, tema que a interessou sobremaneira a partir de sua experiência de conversão.

“Ambos nunca duvidaram da força da *ratio*” (2019a, p.102) afirma a filósofa Stein como ponto de partida. A possibilidade de a razão alcançar verdades objetivas é um aspecto que Edith encontrou em ambos filósofos e provocou-lhe fascinação na sua vida filosófica. Certamente, na concepção de filosofia da autora era parte essencial o conceito de verdade. Husserl é prestigiado pela sua discípula Edith Stein por detectar o “o ceticismo em todos seus disfarces modernos e tê-lo afastado energicamente” (2019a, p.102). A objetividade da consciência e a verdade absoluta foram ideias resgatadas pela fenomenologia de Husserl, assumindo uma postura diferente diante das correntes dominantes como o empirismo e as diversas formas de relativismo como naturalismo, psicologismo e historicismo. Na fenomenologia, o espírito humano tem a tarefa de encontrar a verdade ao invés de produzi-la. Para Edith, estas seriam as principais ideias que levariam muitas pessoas a conceber a fenomenologia como um retorno a sistemas antigos como platonismo, aristotelismo e escolástica (GOTO; DE MORAES, 2016, p.60). Nesse sentido, se descobre que não é mera coincidência que Edith se ocupara durante vários anos na tradução das *Quaestiones disputatae de veritate* de santo Tomás de Aquino, obra cujo centro de pesquisa não é outra coisa que a verdade.

Apesar desses pontos em comum entre o pai da fenomenologia e o doutor angélico, Edith considera as inevitáveis diferenças terminológicas que ambos apresentam nas suas filosofias. Husserl identificou a *ratio* unicamente com a razão natural<sup>9</sup>, enquanto Tomás fez

---

<sup>9</sup> Edith Stein considera que Husserl, provavelmente, objetaria a ideia de considerar sua concepção de razão como, simplesmente, razão natural. A compreensão husserliana de razão estaria além da oposição entre razão natural e

uma distinção entre razão natural e razão sobrenatural. Tanto a fenomenologia de Husserl quanto a filosofia tomasiana sustentam que a atividade racional e o processo do conhecimento são intermináveis. No entanto, Husserl aceita que a razão avança rumo à verdade plena, que se apresenta como uma meta, como uma ideia regulativa e como direção do caminho, por outro lado, Tomás afirma que, pelo fato de ser interminável o caminho da razão natural, a meta nunca pode ser alcançada plenamente, mas consiste numa aproximação progressiva da verdade (STEIN, 2019a, p.103). Esta ideia tomasiana é o ponto de partida para afirmar que a razão natural não pode ser o único meio de conhecimento. Para ele o “conhecimento natural é apenas um caminho” (STEIN, 2019a, p.103) que possui limitações e fronteiras evidentes. No entanto, pensar que algo é inacessível ao conhecimento natural, não significa, em santo Tomás, afirmar que seja inacessível ao espírito humano (REYES GACITÚA, 2016, p. 90).

O conhecimento divino aparece na filosofia de Tomás como um aspecto importante. Com efeito, se a verdade aparece ao homem como um processo interminável e jamais efetivo e pleno, ela correria o risco de ser um simples ideal humano. No entanto, a verdade “é”, isto é, ela é efetiva no conhecimento divino e se comunica ao ser humano por diversas vias:

Há um conhecimento que a abarca (a verdade) totalmente e que não é um processo interminável, mas uma interminável e calma plenitude. Esse é o conhecimento divino. Ele pode, a partir da sua plenitude, comunicar-se a outros espíritos, e comunica-se de fato, segundo a medida da capacidade de captação deles. E a comunicação pode acontecer de diversos modos (STEIN, 2019a, p.103).

A partir da consideração tomasiana da razão como uma via importante de comunicação do conhecimento, mas considerando-a apenas como um caminho, aparecem dois termos que serão importantes e essências na filosofia de Edith Stein e principalmente na compreensão de sua concepção de *Filosofia cristã* que são a fé e a revelação. É justamente neste ponto que se apresenta a mais clara diferença entre os filósofos antes mencionados. Santo Tomás, como se apresentou anteriormente, distingue as verdades naturais que decorrem da razão natural das verdades sobrenaturais que decorrem da revelação e da fé, por outro lado, Husserl, não livre da filosofia kantiana, considera o que é verdadeiro e o que é falso somente no campo da razão (MIRIBEL, 2001 p.72).

---

sobrenatural. Para ele esta distinção seria empírica e não teria sentido falar de razão humana e sobrenatural, mas unicamente *razão como tal* (STEIN, 2019a, p.102)

A postura de Husserl, por outro lado, em concordância com o contexto da modernidade, se caracterizava por buscar uma maior independência e autonomia da filosofia em relação a outras dimensões, especificamente a fé. Husserl admite a importância da fé e da religião, no entanto, considerando-as dentro da esfera que lhe pertence, isto é, dentro do âmbito religioso. Para Husserl, a religião se baseia no irracional, naquilo que não é nem verdadeiro nem falso (MIRIBEL, 2001, p.72). Edith Stein interpreta o pensamento de Husserl considerando a fé como “a instância competente no âmbito religioso, assim como os sentidos o são no âmbito da experiência exterior” (STEIN, 2019a, p.104). Não existe dúvidas que Husserl desejava realizar, dentro de seu trabalho filosófico uma clara distinção entre o espaço religioso e o espaço filosófico. A legitimidade da fé nunca formou parte dos interesses das pesquisas e discussões de Husserl. Edith Stein admite que Husserl poderia aceitar que a atividade racional e filosófica refletisse sobre a fé, a revelação e a religião, mas assim como o faz com qualquer outra realidade humana. A filosofia da religião seria a disciplina competente para tal atividade, nela é refletido e aprofundado o fenômeno religioso, mas desde o campo da razão e não o da fé. Edith Stein afirma que a postura mais comum de um filósofo moderno é considerar, dentro da filosofia da religião, a fé como objeto de estudo, mas ela não tem nada a declarar nas demais disciplinas filosóficas (STEIN, 2019a, p.105). Edith Stein reconhece rapidamente a forte marca da filosofia kantiana que predomina em tal postura adotada não só por Husserl, mas pela filosofia moderna na sua maioria.

Muito distante estava a filosofia moderna das propostas de santo Tomás de Aquino. Para ele, a Revelação seria comunicadora de certas verdades e seria a fé a instância responsável de aceitar tais verdades. No caminho da “peregrinação terrena” a revelação, junto ao conhecimento natural seriam essenciais para adquirir saber e conhecimento. Tomás também aceita que certas verdades comunicadas pela Revelação podem ser conhecidas pela atividade do conhecimento natural. O fato principal é que a razão natural e a razão sobrenatural são essenciais para o conhecimento humano, a fé e a razão são fontes de conhecimento e sabedoria para o espírito. Por outro lado, é preciso considerar que santo Tomás reconhecia a importância de fazer uma distinção entre os campos e os objetos de conhecimento que se apresentam na Revelação e na razão. Para ele era importante compreender a fonte e os objetos de conhecimento da teologia e a fonte e os objetos de conhecimento da filosofia, fazendo assim uma adequada distinção.

A concepção de filosofia como uma ciência rigorosa junto com o conceito de *Philosophia perennis*, como o autêntico espírito de filosofar presente no filósofo que busca a verdade, a convicção da força da razão presente na atividade filosófica e as diversas posturas

diante da fé e da Revelação foram os aspectos considerados neste capítulo. Edith Stein pretendeu realizar constantemente uma filosofia de contato (CRUZ, 2018, p.31). Neste processo de confrontação e diálogo se encontram as raízes dos trabalhos filosóficos por ela realizados e dos conceitos desenvolvidos posteriormente. Nessa filosofia de contato se encontram as raízes do que muitos estudiosos consideraram como uma leitura fenomenológica tendo como base pressupostos da metafísica tomasiana que assumirão diversos nomes; como exemplos podemos mencionar *Tomismo fenomenológico* (CRUZ, 2018, p 26) e *metafísica crítica* (VARGAS, 2021, p. 221).

Todas as tentativas de estabelecer um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino se apresentam como o ponto de partida ou a raiz da filosofia autônoma e madura de Edith Stein. Um dos vários frutos que surgem quando a autora vai além de suas duas referências filosóficas é a proposta da possibilidade de uma *filosofia cristã*:

A renascida filosofia da Idade Média e a nova filosofia do século XX podem unir-se em um canal da *philosophia perennis*? Ainda falam linguagens diferentes, e primeiramente será necessário encontrar uma linguagem em que se possam compreender mutuamente<sup>10</sup>. (STEIN, 2019b, p.33).

Mas, segundo parece, para que haja um entendimento entre filosofia da Idade Média e a dos tempos modernos, existe uma dificuldade muito maior que a diversidade da linguagem: as atitudes diferentes frente à relação entre saber e crer, entre a filosofia e a teologia (STEIN, 2019b, p.39).

Edith Stein deixa clara sua missão de buscar pontos de entendimento entre a Filosofia da Idade Média e a filosofia moderna. Um canal de *Philosophia perennis*, enquanto espírito próprio do filosofar e enquanto método rigoroso de busca da verdade, se apresenta como um caminho viável para estabelecer um diálogo adequado. A problemática linguística é considerada pela autora como um aspecto importante, mas o problema das diversas atitudes diante da relação da fé e da razão, da filosofia e teologia, ocuparam o centro da investigação da filósofa. A partir desta problemática, Edith Stein desenvolveu o conceito de *Filosofia cristã*.

---

<sup>10</sup> As *dificuldades de expressão linguística* será um outro aspecto considerado por Edith Stein no momento de correlacionar as filosofias da Idade Média e da Modernidade. Embora ela considere como aspecto mais importante *as diferentes atitudes frente ao saber e ao crer*, Edith dedica várias páginas no aprofundamento das problemáticas linguísticas: “Foi comentado aqui um ponto que para o filósofo do nosso tempo é uma verdadeira cruz. Vivemos em meio a uma confusão babilônica de línguas. Apenas podemos empregar uma expressão sem temer que o interlocutor entenda outra coisa muito diferente do que foi dito. A maior parte dos ‘termos técnicos’ ficou carregada de diversos aspectos ao longo da história” (STEIN, 2019b, p. 34)



### 3 CONCEITO STENIANO DE FILOSOFIA CRISTÃ

Compreendido o percurso intelectual da filósofa Edith Stein, que acompanha inevitavelmente sua experiência de vida e analisados os principais elementos da confrontação realizada por Edith entre a filosofia de Edmund Husserl e de Tomás de Aquino, é possível realizar um estudo adequado sobre o conceito steniano de Filosofia cristã. Edith Stein pensou esta confrontação entre Husserl e Tomás com a intenção de aproximar a filosofia, de uma forma rigorosa e fundamentada, ao seu ideal (ADAMCZGK-ENRIQUEZ, 2022, p. 139). Este capítulo tem por objetivo apresentar o conceito de filosofia cristã desenvolvido pela filósofa. Este conceito torna-se fundamental para a compreensão de todos seus trabalhos filosóficos subsequentes, principalmente, sua filosofia no período cristão. A filosofia cristã de Edith Stein aparece como o fundamento metodológico e epistemológico para os trabalhos metafísicos, antropológicos e éticos presentes na sua magna obra *Ser finito e Ser Eterno*. As influências de Husserl e Tomás no enfoque teórico do conceito de filosofia cristã são inegáveis e evidentes (ADAMCZGK-ENRIQUEZ, 2022, p. 139), no entanto, são igualmente evidentes os momentos em que a filósofa se afasta das concepções de seus mestres para trilhar um caminho particular. A filosofia cristã de Edith Stein possui a marca daquilo que há de mais genuíno e original na sua filosofia, apresentando um fundamento rigoroso e científico e estabelecendo, de forma mais clara, a relação entre a fé e a razão, entre o conhecimento natural e a Revelação

#### 3.1 Origens do conceito

O conceito de filosofia cristã de Edith Stein aparece, por primeira vez, na introdução da obra *Ser finito e Ser Eterno*. No entanto, é possível encontrar alguns indícios desta concepção em algumas de suas obras anteriores. A formação deste conceito já pode ser encontrada no ensaio “*a fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino: ensaio de um cotejo*” e no diálogo “*o que é a filosofia? Uma conversa entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino*”, especificamente, no momento em a autora, confrontando e fazendo paralelismos entre o pai da fenomenologia e o doutor angélico, desenvolve o tema da *Razão natural e sobrenatural* e o tema da atitude de *crer e saber* (STEIN, 2019a, p.102). A filósofa de Breslavia analisa a atitude destes autores diante da fé no momento de filosofar, mas, ao mesmo tempo e de forma progressiva, vai se afastando das posturas de seus mestres para apresentar alguns fundamentos próprios de sua concepção filosófica, como a finalidade ideal da filosofia de alcançar a verdade

na sua maior certeza e a fé como um caminho para alcançar verdades num alto grau de certeza (STEIN, 2019a, p.106-107). Temas estes que seriam desenvolvidos, de forma mais precisa, na introdução da obra *Ser Finito e ser Eterno*.

É preciso, igualmente, compreender que a investigação e a construção moderna da possibilidade desta filosofia devem ser situadas dentro de um contexto. Angela Ales Bello afirma que a pergunta pela possibilidade de uma filosofia cristã na modernidade se situa na França entre os anos 1920 e 1930 e esta pergunta seria centro de grandes polêmicas e debates filosóficos (1998, p.314). De forma mais precisa, a discussão se origina em 1931 na sessão da *Societe Francaise de Philosophie* (Sociedade Francesa de Filosofia), os principais interlocutores seriam franceses; entre os quais convém mencionar Maurice Blondel (1861-1949), Emile Brehier (1876-1952), Jacques Maritain (1882-1973), León Brunschvicg (1869-1944) e Etienne Gilson (1884-1978). Alguns teólogos também formaram parte importante desta discussão como Garrigou-Lagrange, Regis Jolivet (1891-1966), e Henri de Lubac (1896- 1991), autores protestantes como J. B. Metz (1928-2019) e Karl Barth (1886-1968) merecem ser igualmente mencionados (YÁÑES, [2010], p.4). A discussão se estendeu além das fronteiras francesas. Na Alemanha, por exemplo, esta questão foi abordada e discutida por filósofos como Max Scheller (1874-1928), Dietrich von Hildebrand (1889-1977) e, evidentemente Edith Stein (YÁÑES, [2010], p.3).

No centro da discussão estavam a tentativa de responder quais seriam as possíveis relações entre a filosofia e as experiências do filósofo e quais seriam as condições mais legítimas da investigação filosófica; para este trabalho foram reunidos grandes estudiosos e filósofos. A doutora Angela Ales apresenta a discussão central entre estes filósofos; lemos:

Tratava-se de estabelecer se a investigação filosófica vivia em sua pureza metodológica ou se podia, de alguma maneira, estar ligada a quem pratica a pesquisa, ao filósofo comprometido com a sua humanidade e com a sua experiência, mesmo religiosa (1998, p. 314).

Alguns filósofos deram contribuições importantes defendendo a possibilidade de uma filosofia cristã. Étienne Gilson e Jacques Maritain buscaram respostas na filosofia medieval, especificamente nas obras de santo Tomás de Aquino, encontrando a possibilidade de certo equilíbrio entre a fé e a razão, entre a filosofia e a teologia (ALES, BELLO, 1988, p.314). Maritain e Gilson defendiam que alguns pontos da Revelação poderiam ser utilizados para sustentar intuições filosóficas anteriores (ALES BELLO, 1988, p.315). “Maritain situou a

filosofia cristã numa espécie de via média entre o racionalismo e o fideísmo” (YÁÑES, [2010], p.12). É igualmente necessário destacar as posições contrárias à proposta da filosofia cristã. Entre os representantes desta postura se encontram Emile Brehier, León Brunschvicg e Maurice Blondel. O Doutor Phil Eugenio Yáñez especifica a postura destes três filósofos entre o racionalismo e o fideísmo. Yáñez identifica, inicialmente, a Brehier e Brunschvicg numa postura racionalista, eles argumentavam a necessidade de toda ciência ser autônoma ([2010], p.7), a filosofia seria obra exclusiva da razão e não toleraria nenhuma subordinação a dogmas nem contaminação da fé religiosa ([2010], p.2). Para Brehier o itinerário da filosofia seria completamente diferente da teologia (ALES BELLOS, 1988, p.315). Maurice Blondel, por outro lado, é identificado por Yáñez com uma postura fideísta, fazendo uma crítica proveniente desde *dentro*, isto é, desde o mundo cristão. Para Blondel, o cristianismo não é uma filosofia, mas uma religião, nela a fé e a razão não podem ser separadas, pois estão misturadas (YÁÑES, [2010], p.2). A fé, para Blondel, seria essencial ao saber filosófico, pois a inteligência seria incapaz de alcançar a verdade sem ajuda da fé (YÁÑES, [2010], p.8). Martin Heidegger, embora não participou diretamente destas discussões, colocaria sua concepção que, certamente, influenciou grande parte de filósofos. Para Heidegger, uma filosofia cristã seria um verdadeiro mal-entendido, nas suas palavras um *ferro de madeira*, pois a elaboração intelectual no mundo experimentado como cristão provem da fé e isto é fruto da teologia. Segundo Heidegger, para a fé cristã originária, a filosofia é uma necedade ou loucura (YÁÑES, [2010], p.9).

Edith Stein não ignora o debate que se realiza no ambiente francês, muito pelo contrário, o acompanha e se sente impelida a contribuir com seu pensamento. Enriquecida com a bagagem da filosofia contemporânea de seu mestre Edmund Husserl e iniciada no estudo das obras de santo Tomás de Aquino, principalmente, pelo seu trabalho de tradução do *De Veritate*, busca estabelecer uma concepção adequada de filosofia cristã. Para exercer esse trabalho estabeleceu e esclareceu conceitos essenciais para uma compreensão deste conceito.

Como ponto de partida, Edith Stein reconhece, como principal dificuldade, para chegar a um acordo sobre a possibilidade de falar de uma filosofia cristã a variedade de sentidos que podem ser atribuídos à esta expressão (STEIN, 2019b, p.39). A filósofa reconhece que nem os filósofos nem os teólogos conseguiram chegar a um acordo sobre a possibilidade desta filosofia pelas dificuldades de expressão. Para realizar um esclarecimento, Edith apresenta os três principais sentidos que foram determinados à expressão ‘filosofia cristã’ durante as Jornadas de Estudo de Juvicy, que foi considerada a culminação da disputa sobre a possibilidade de uma filosofia cristã no século XX (ADAMCZGK-ENRIQUEZ, 2022, p. 153):

- a. A filosofia cristã pode ser interpretada, inicialmente, segundo a concepção dos padres da Igreja. Para os padres da Igreja o cristianismo seria a autêntica filosofia, pois às aspirações dos filósofos gregos seriam realizadas na vivência cristã e a fé se serviria dos conceitos filosóficos. Para os padres da Igreja uma filosofia cristã não se distinguiria da teologia (Cf. STEIN, 2019b, p.39). É preciso destacar que havia muitas divergências na concepção e na acolhida da filosofia pagã no período da Patrística. Alguns reconheciam a filosofia pagã como uma etapa propedêutica da filosofia cristã, como santo Agostinho e outros (ADAMCZGK-ENRIQUEZ, 2022, p. 153), outros rejeitavam explicitamente qualquer relação entre a filosofia pagã e a teologia; Tertuliano, por exemplo, afirmava, em sinal de rejeição desta relação, não haver nada em comum entre Atenas e Jerusalém (REALE, ANTISERI, 2003, p.71).
- b. Em segundo lugar, a filosofia cristã pode ser entendida como “uma ciência pura, para a qual, no entanto, a fé é uma fonte do conhecimento” (ADAMCZGK-ENRIQUEZ, 2022, p. 153). Esta concepção é geradora de muitos problemas e polêmicas. Embora existam numerosas tentativas de construir uma filosofia utilizando não unicamente a razão natural, mas também a fé. O ponto de vista tomista, por exemplo, concebe a filosofia unicamente como uma disciplina puramente natural e rejeita a primeira definição, pois, no momento em que “o filósofo começa a se servir da verdade revelada como tal, deixa de ser formalmente filósofo e se transforma em teólogo” (Cf. STEIN, 2019b, p.39).
- c. A terceira definição de filosofia cristã faz referência à filosofia da Idade Média, a qual se desenvolveu sob a influência indiscutível do cristianismo (Cf. STEIN, 2019b, p.39). Edith Stein ressalta a proximidade deste conceito com os filósofos Étienne Gilson e Jacques Maritain. Neste conceito, muitos conceberam a filosofia de Tomás como cristã, pois apesar desta buscar sempre ser uma ciência natural e estabelecer limites precisos com a teologia, foi desenvolvida sob a cultura da cristandade (Cf. STEIN, 2019b, p.39).

Edith Stein não adotou nenhuma destas concepções, pois observava nestes conceitos uma separação entre filosofia e teologia pouco clara (ADAMCZGK-ENRIQUEZ, 2022, p. 153). Mas, a partir destas e outras fontes, vai construir um conceito mais adequado e claro.

### **3.2 Fundamentos conceituais e epistemológicos**

Edith Stein busca, por meio da formação do conceito de filosofia cristã, um equilíbrio exemplar entre a experiência religiosa e a pesquisa filosófica (ALES BELLO, 1998, p.315).

Para estabelecer este equilíbrio e para elaborar seu conceito de filosofia cristã, Edith realiza um caminho partindo de uma fundamentação conceitual e epistemológica de alguns conceitos importantes. Quando se quer estudar o conceito steniano de filosofia cristã há a tendência de apressurar-se a explicitar imediatamente a relação entre teologia e filosofia, razão e fé, conhecimento natural e revelação, deslocando, assim, uma parte importante de seu trabalho, que é discutir os fundamentos conceituais de filosofia, de ciência, de conhecimento e de verdade; fundamentos necessários para a elaboração do conceito desenvolvido pela filósofa.

Como ponto de partida, Edith Stein considerou a distinção feita por Jacques Maritain entre *natureza* e *estado* da filosofia. Maritain apresentou a possibilidade de uma filosofia cristã por meio de uma solução tomista<sup>11</sup> (STEIN, 2019b, p.41). A filosofia, por *natureza*, é independente da fé, mas pode ser cristã pelo seu *estado*, isto é, pode estar marcada pela fé encontrada nas culturas, na história, nas convicções e nas experiências (ADAMCZGK-ENRIQUEZ, 2022, p. 153). Para Maritain a filosofia cristã era possível no seu *estado*. Tal como afirma Edith Stein: “Mas a natureza se realiza sempre sob condições históricas concretas” (2019b, p.41). A filósofa, neste sentido, estaria de acordo com Maritain afirmando que seria então permitido falar de *um estado de filosofia cristã*, pois a natureza da filosofia, isto é, a filosofia em si mesma é independente. Para Tomás de Aquino a filosofia era um exercício da razão natural e não precisava estar apoiada na Verdade Revelada.

Esclarecida a ideia da possibilidade de um estado de filosofia cristã, Edith Stein continua com o desenvolvimento de alguns conceitos importantes e fundamentais, verificando neles se há compatibilidade com sua proposta, entre estes se encontra o conceito de filosofia. A filosofia deve ser entendida como uma “atividade do conhecimento, da investigação e do juízo” (STEIN, 2019b, p.41). A filosofia se especifica em função de seu objeto, que determina sua natureza. A filosofia, para Edith, é uma configuração do espírito, destacando-se como uma maneira de conhecer, investigar e julgar, que se relaciona com um objeto real (STEIN, 2019b, p.41). A filosofia também é entendida pela filósofa a partir de três concepções: “o vivo filosofar, a atitude permanente do espírito (O filósofo é filósofo ainda nos momentos em que não filosofa)

---

<sup>11</sup> Edith Stein considera como grande exemplo a *Summa contra os gentiles*, nela Tomás considera que a possibilidade de chegar à verdade com os *pagãos* e muçulmanos não podem ser os fundamentos da revelação, pois entre cristãos e pagãos as Escrituras não são um fundamento em comum. “É necessário recorrer à razão natural, com a qual todos devem consentir” (*Summa contra gentiles*, 1,2). Desta forma, é possível chegar à verdade pelo caminho da razão natural, embora não seja possível chegar a uma verdade suprema. Tomás aponta para uma harmonia entre a verdade provada pela razão e a verdade da fé. A argumentação tomasiana foi um caminho para Edith considerar que a ciência natural e a fé, que a filosofia e a teologia têm muito em comum e, por tanto, não precisam ser consideradas como separadas, pois trabalham por uma finalidade em comum: a busca da verdade (STEIN, 2019b, p.40)

[...] e a filosofia como uma ciência (no sentido de *habitus* e de ato) ” (STEIN, 2019b, p.42). É evidente que os três conceitos possuem claras influências tanto de Tomás quanto de Husserl.

Esse terceiro conceito (a filosofia como ciência) possui para a filósofa de Breslavia mais valor do que os outros. Este conceito leva-a a considerar, inevitavelmente, o conceito de ciência. Edith Stein distingue ciência na linguagem teológica e na linguagem das ciências modernas. Na teologia ciência é um dom do Espírito Santo, na lógica e na ciência moderna é a formação de ideias que possuem existência independente dos indivíduos pensantes, é uma construção ordenada e bem edificada segundo leis, conceitos, juízos e argumentos (STEIN, 2019b, p.42). Edith realiza, influenciada por Husserl, uma distinção de ciência enquanto sua natureza e seu estado. Ciência enquanto sua natureza, isto é, na sua idealidade, possui a verdade, segundo Husserl: “a ciência em cada uma de suas situações é a expressão de tudo o que o espírito humano realizou na busca da verdade” (STEIN, 2019b, p.43). A Ciência, segundo sua natureza, na sua perfeição ideal, *sem mancha nem ruga*, não existirá jamais. Segundo a formação histórica e a experiência, isto fica comprovado, mas esta ideia permanece como modelo de aproximação de todas as investigações e esforços (STEIN, 2019b, p.43).

A filósofa pergunta, então, até que ponto toma sentido este modelo, e isto a conduz a considerar o conceito de verdade e perguntar sobre o que se pode entender pela verdade possuída no saber (STEIN, 2019b, p.43). Esta pergunta leva Edith desenvolver e articular, de forma lógica, uma série de conceitos essenciais para seu trabalho posterior: a) a verdade faz referência a proposições verdadeiras; por outro lado, b) a proposição não é a verdade, mas algo verdadeiro; c) a verdade de uma proposição consiste em estar em *conformidade* com um *ente*; d) todas as ciências possuem, como seu objetivo, uma tendência para o ser verdadeiro; e) a proposição trata com um objeto chamado objeto da proposição, no entanto, f) a proposição não anuncia nem o objeto, nem sobre o objeto, mas os estado de coisas<sup>12</sup>; g) as proposições expressam o estado de coisas que possuem seu fundamento no ser; h) o estado de coisas tem seu ser nos objetos; i) a cada estado de coisas pertence um conjunto de proposições; j) embora o estado de coisas se encontre relacionado com o conhecimento possível de espírito, esses estados não são gerados pelo espírito conhecedor, mas lhe prescrevem uma regra, k) e nesses estados de coisas as proposições já aparecem fundadas enquanto possibilidade de expressão (STEIN, 2019b, p.44-45).

---

<sup>12</sup> Edith Stein coloca como exemplo a proposição “as cerejeiras florescem”. Anunciar o objeto seria unicamente afirmar: “as cerejeiras”, afirmar sobre objeto seria “florescem” e afirmar o estado de coisas seria “as cerejeiras florescem” (STEIN, 2019b, p.44)

A articulação destes conceitos e definições anunciam a ideia da separação e, ao mesmo tempo, da relação que as diversas ciências devem possuir. Uma ciência na sua idealidade, aquela que jamais acontecerá nem chegará ao seu fim, é entendida como uma expressão pura de todos os estados de coisas, o ente desdobra-se segundo sua própria ordem (STEIN, 2019b, p.45). Este desdobramento ou divisão do ente explica a diversidade das ciências “em uma série de âmbitos de objeto unidos entre si e delimitados um do outro segundo gêneros e espécies” (STEIN, 2019b, p.45). Todas estas argumentações giram entorno da pergunta sobre qual seria o campo da filosofia. Edith adota uma postura de Maritain, afirmando que independente da ideia adotada de filosofia, se este campo não é acessível, em si mesmo, pelas forças naturais do espírito humano, não é filosofia, pois nega sua própria essência (STEIN, 2019b, p.45), isto é, a filosofia deve ser uma ciência do campo da razão natural. Esta afirmação é sustentada pela ideia tomasiana que considera a filosofia no campo da razão humana e a teologia no campo da revelação divina.

No entanto, Edith realiza uma objeção para alguns pontos não considerados. Inicialmente, o conceito de filosofia na Idade Média ainda não possuía uma clara divisão, pois era entendido como toda ciência natural. Edith aponta, igualmente, para o panorama da atualidade, onde existem uma serie de disciplinas que separam os diferentes campos das ciências segundo seu objeto e método. Sem embargo, a filósofa aponta que, embora as diversas disciplinas possam trabalhar separadas sem preocupação (matemática, história, filosofia), todas as ciências, em certo momento, devem voltar ao que ela chama de fundamento ou bases filosóficas para, assim, descobrir ou redescobrir sua própria tarefa (STEIN, 2019b, p.46) tal como o fizeram grandes espíritos criadores durante a história<sup>13</sup>.

No entanto é inegável que existem ‘ciências’ que tenham desenvolvido seu trabalho como uma ousada viagem de exploração em um caminho desconhecido, em uma terra desconhecida, sem prévia elucidação suficiente. Cedo ou tarde, virá para elas um tempo de perplexidade, em que não saberão aonde ir. Então, não haveria outra salvação senão a reflexão de seus próprios fundamentos e o exame do método empregado até então e de seus resultados obtidos em relação com os princípios básicos (STEIN, 2019b, p.46).

Esta necessidade de qualquer ciência refletir e voltar aos seus próprios fundamentos não é outra coisa que uma volta ao contato com a filosofia. Pois “o trabalho da filosofia consiste em

---

<sup>13</sup> Edith Stein coloca como exemplo Galileu Galilei, matemático, astrônomo e filósofo; Isaac Newton matemático, físico e filósofo, Friedrich von Schiller, poeta do romantismo e pensador filósofo e Leopold von Ranke historiador crítico das fontes da história e filósofo. Todos eles fizeram suas grandes descobertas, criaram suas grandes teorias e obras, relacionando-se constantemente com a filosofia.

esclarecer os fundamentos de todas as ciências” (STEIN, 2019b, p.47). Edith Stein elucida que, no momento em que o matemático reflete sobre a natureza do número ou o historiador sobre o sentido da história, atua como filósofo. A partir desse aspecto Edith apresenta sua principal e mais fundamental concepção do objetivo da filosofia, objetivo pressuposto e base de seu trabalho filosófico.

A filosofia não se contenta com um esclarecimento provisório, mas sua meta é chegar à clareza *última*: quer dar conta até os últimos fundamentos que se possa alcançar [...] seu fim é chegar até o último elemento compreensível, até o *próprio ser*, até a *estrutura do ente como tal*, e até a *divisão essencial do ente segundo gêneros e espécies*, para a partir de aí chegar à colocação objetiva de questões e métodos de investigação (STEIN, 2019b, p.47).

Este conceito de filosofia, junto com seus principais objetivos de chegar à clareza última de alcançar os fundamentos, de ir ao último elemento compreensível é o alicerce base para Edith Stein defender, não só a possibilidade, mas até a coerência e a necessidade de uma filosofia cristã. A filosofia é entendida, então, como *perfectum opus rationis* – Obra perfeita da razão (STEIN, 2019b, p.47).

### 3.3 Conceituação, implicações e problemáticas da filosofia cristã

É somente a partir do esclarecimento dos conceitos de filosofia, de ciência e de verdade, que Edith Stein desenvolve o seu conceito de filosofia cristã, considerando suas possíveis implicações e problemáticas. Como foi afirmado nos capítulos anteriores, para Edith Stein “a concepção de verdade é o ponto de partida do filosofar” (VARGAS, 2021, p. 227) e é, justamente, esta concepção que leva a filósofa judia considerar como razoável uma filosofia cristã:

O filósofo que não quer chegar a ser infiel à sua finalidade de compreender o ente até suas últimas causas se vê obrigado por sua fé a entender suas reflexões mais além do que lhe é acessível naturalmente. Existe ente, que é inacessível à experiência natural e à razão, mas que nos é conhecido pela revelação, e que propõe novas tarefas ao espírito, que o aceita. Se a filosofia se informa do sensível nas ciências da natureza, como não se informaria ela do divino na fé e na teologia? ‘Os fatos da religião ou os dogmas definidos’ são minhas experiências..., dizia Malebranche; (depois de havê-los reconhecido válidos) eu faço de meu espírito o mesmo uso que os que estudam a física (STEIN, 2019b, p.49).

Para Edith Stein, a fé enriquece a filosofia, pois lhe oferece conceitos que lhe eram estranhos antes de *chegar a beber desta fonte* (a revelação) (STEIN, 2019b, p.48). Stein coloca



alguns exemplos citados na conferência de Juvicy onde o Padre Motte apontou que certos conceitos próprios da revelação suscitaram, durante a história, conceitos filosóficos ainda importantes na atualidade: a doutrina da fé e da criação apresentaram a problemática da distinção entre essência e existência, a doutrina da Santíssima Trindade e da encarnação em relação à separação entre pessoa e natureza, a doutrina da Sagrada Eucaristia em relação à elaboração conceitual de substância e acidente (STEIN, 2919b, p.50-51). Certamente, é possível encontrar na atualidade alguns desses conceitos no meio da elaboração filosófica, inclusive em trabalhos filosóficos não vinculados aos temas religiosos e de fé. Mesmo, alguns desses conceitos sendo rejeitados ou levados minimamente em consideração por outras posturas e correntes filosóficas, permanecem na discussão e no debate filosófico.

Se a filosofia, entendida enquanto ciência do ser, é assumida no seu ideal de ciência na sua maior extensão, deve incluir a revelação, pois a razão natural não consegue compreender a causa primeira e última do ser. O filósofo precisa estender sua contemplação intelectual, para a revelação (ADAMCZGK-ENRIQUEZ, 2022, p. 155). Esta postura, assumida por Edith Stein, embora grandemente influenciada pelo pensamento escolástico, em certos momentos, se distancia do seu segundo mestre Tomás de Aquino. Em Tomás de Aquino, a razão natural teria a capacidade de chegar a certas verdades sem o auxílio da revelação, no entanto, Tomás aponta que algumas destas verdades podem ou são conhecidas num baixo grau de certeza e por poucas pessoas (STEIN,2019a, p.104). Além disso, destaca-se que para Tomás, no momento de intervenção da fé e da revelação o filósofo estaria já no campo da teologia. No entanto, Edith defende que, embora esta relação entre a fé e a razão não apareça claramente nos escritos de Tomás, neste filósofo “Tudo isso era um ponto de partida obvio” (STEIN, 2019a, p.108). Com respeito ao seu outro mestre, Edmund Husserl, é mais óbvia a distância, pois, para Husserl, a filosofia não pode partir de pressupostos estranhos a si, a filosofia, para Husserl, deve buscar sua maior pureza e deve separar a experiência de fé da análise filosófica (ALES BELLO, 1998, p.315).

Edith Stein, por sua parte e na originalidade de sua proposta defende que: “se a investigação filosófica tem como fim a verdade, qualquer contribuição, venha de onde vier, deve ser considerada válida” (ALES BELLO, 1998, p.315). Certamente, para a filósofa as sugestões e as indicações da Revelação devem ser esclarecidas e reelaboradas pelos filósofos. A filosofia cristã, por estar vinculada à fé, não é com efeito *pura*, mas é uma filosofia que harmoniza e declara livremente seu auxílio do extraordinário (ALES BELLO, 1998, p. 315). A filosofia cristã, para Edith Stein, reconhece que a fé presta um importante suporte para o

conhecimento mais amplo do ente, conhecimento que a filosofia natural não consegue por seus próprios meios e métodos; como esclarecer a criação, a origem do ser humano e da alma. Mais uma vez, esta filosofia não pretende ser uma filosofia *pura* nem *autônoma* (se por acaso ela existe), mas a filósofa defende não ser justificado que seja considerada por isso teologia (STEIN, 2019b, p.51), dito de outra forma, tal relação não implica uma transformação da filosofia em teologia.

As verdades fundamentais de nossa fé – a criação, a queda, a redenção e a plenitude – mostram todo ente em uma luz, segundo a qual parece impossível que a filosofia pura, isto é, uma filosofia adquirida pela simples razão natural, possa chegar à perfeição por si mesma, ou seja, terminar um *perfectum opus rationis* (STEIN, 2019b, p.50).

A definição mais concreta de filosofia cristã por Edith Stein assume, como característica principal, ser uma *obra perfeita da razão*. Com efeito, filosofia cristã não é somente uma atitude espiritual do filósofo cristão, nem somente um conjunto de doutrinas dos pensadores cristãos, mas significa, além disso, “o ideal de um *perfectum opus rationis*, que conseguiria abraçar em uma unidade o conjunto do que nos oferecem a razão natural e a revelação” (STEIN, 2019b, p.53). Com efeito, somente um trabalho ‘perfeito’ da razão conseguiria fazer tal ação.

Duas problemáticas que se apresentam nesta teoria são a recepção e a postura dos não crentes diante da proposta da filosofia cristã e o conceito de fé desenvolvido por Edith Stein. Com respeito aos não crentes ou não cristãos, é preciso, como ponto de partida, considerar que a proposta da filosofia cristã se aplica principal e essencialmente aos filósofos crentes, pois “certamente, somente poderá submeter-se a ela (aos princípios da fé, a uma autoridade suprema e sobrenatural) na medida em que seja crente” (STEIN, 2019b, p.50). Edith Stein afirma:

Incumbe à filosofia colocar harmonia entre aquilo que ela elaborou com os seus próprios meios e aquilo que lhe vem oferecido pela fé e pela teologia [...]. Colocar-se de acordo significa em primeiro lugar um ato puramente negativo, quer dizer, que a verdade revelada é para **o filósofo crente** uma medida à qual deve subordinar seu próprio juízo (STEIN, 2019b, p.50).

Na Idade Média e na Escolástica, a proposta da filosofia cristã, tal como a apresenta Edith Stein, poderia ser facilmente aceita no meio filosófico. Na atualidade, esta proposta pode ser vista com grande desconfiança epistemológica e até com falta de qualquer rigor científico. Edith Stein cita Gabriel Marcel, afirmando que o fato de o patrimônio revelado possuir sua validade em realidades que se encontram além de toda a experiência e das bases puramente

humanas é na atualidade o *escândalo da razão* (STEIN, 2019b, p.49). Por outro lado, argumenta a filósofa que a razão agiria irracionalmente, isto é, contra sua natureza, se se obstinasse em permanecer naquilo que ela não pode descobrir por sua própria luz, fechando os olhos diante de uma luz superior que a faz enxergar (STEIN, 2019b, p.49).

O fato da filosofia cristã ser uma proposta essencialmente para filósofos crentes, não implica um isolamento dos filósofos cristãos na sua concepção de mundo religioso, nem implica uma espécie de imposição autoritária de princípios cristãos sobre os não cristãos, em função de uma suposta convicção de melhor e mais adequada verdade para a razão. O conceito de filosofia cristã steiniano não somente se dirige aos crentes, mas também aos não crentes (ADAMCZGK-ENRIQUEZ, 2022, p. 160). Esta filosofia não implica um método dogmático de criação de defesas e argumentos para defender as verdades reveladas, mas pode ser concebido como um caminho crítico no qual a razão trabalha em harmonia com a fé e vice-versa, uma auxiliando a outra, em prol da finalidade filosófica de entender o ente até suas últimas causas e consequências, isto é, em prol da verdade. A filosofia cristã funciona em base de procedimentos naturais (ADAMCZGK-ENRIQUEZ, 2022, p. 160) e compreende que “o que a razão natural consegue como “primeiro ente”, a fé e a teologia dão informações” (STEIN, 2019b, p.49). Desta forma, não haveria nenhum motivo de desconfiança por parte dos não cristãos:

Para o incrédulo não há motivos objetivos de desconfiança em relação aos resultados de seu procedimento natural, visto que são medidos nas maiores verdades da razão e ainda na verdade da fé. Ele é, pois, livre de empregar o marco da razão com todo rigor e recusar tudo o que não lhe seja suficiente [...]. Não aceitará as verdades da fé empregadas como ‘proposições’ (*tesis*), diversamente do que faz o crente, senão somente como hipóteses [...]. O incrédulo poderá tranquilamente esperar para ver se é capaz de chegar à visão comum que para o filósofo crente é a consequência da razão natural e da revelação, e para ver se pode adquirir assim conhecimento mais profundo e mais amplo do ente. Se não tem prejuízos, como deve ser o filósofo segundo sua convicção, certamente não retrocederá diante dessa experiência (STEIN, 2019b, p.56).

Nesta citação é possível perceber um objetivo da filosofia cristã em Edith Stein. Buscar que o filósofo cristão possa contribuir no debate filosófico comum, sem renunciar ou esconder seus pressupostos e experiências religiosas, que ele, certamente, concebe como verdadeiras, e estas possam ser consideradas, analisadas, de maneira crítica, mas sem preconceitos, *examinando tudo e conservando o melhor* (1Tes 5, 21). O filósofo cristão, por meio desta proposta, poderá contribuir *sem camuflagens*, de forma livre, mas rigorosamente, com suas concepções do ente construídas racionalmente. Edith Stein busca e afirma não existir nenhum inconveniente para um trabalho comum (STEIN, 2019b, p.56) e aponta, em contrapartida, que para o filósofo não

cristão parecerá mais evidente e coerente que o cristão aceite os princípios da fé e da revelação não somente enquanto crente, mas também em quanto filósofo (STEIN, 2019b, p.50).

A segunda problemática é o conceito de fé desenvolvido pela filósofa de Breslávia. Este conceito é fundamental para compreender e aceitar a possibilidade de uma filosofia cristã, isto é, para aceitar a possibilidade de uma adequada relação entre fé e razão, entre conhecimento e revelação. A fé é, inicialmente, compreendida, no conceito de filosofia cristã, como a postura de recepção e aceitação das verdades essenciais reveladas por Deus, seja na Igreja ou na Tradição e que formam parte da concepção de um cristão. Angela Ales Bello apresenta as várias definições de fé que podem ser encontradas na filosofia de Edith Stein; a expressão teológica “fé”, é inicialmente uma atitude humana de adesão, é também a realização viva do ato de crer no que consideramos verdadeiro e é também o objeto a qual se adere, pois, as verdades de fé as consideramos fundamentadas em que Deus existe e é um “Ser supremo” (1998, p.318)

É possível afirmar que Edith Stein reconhece uma espécie de dependência da filosofia em relação a fé (ALES BELLO, 1998, p.317). No entanto, para esclarecer este ponto é preciso aprofundar o conceito de fé entendido pela filósofa judia. No artigo *A fenomenologia de Husserl e a filosofia de santo Tomás de Aquino: ensaio de um cotejo*, Edith Stein afirmava, influenciada por Tomás de Aquino, que “a fé não é absolutamente nada irracional, ou seja, algo que não teria nada que ver com a verdade e falsidade” (STEIN, 2019a, p.106). Se a concepção de fé para Tomás de Aquino e, consecutivamente, para ela fosse interpretada como um sentimento ou algo irracional, eles não teriam dado voz a ela nas questões filosóficas e, igualmente, seria compreensível o método filosófico que exclui a fé. (STEIN, 2019a, p.106). A fé seria “um caminho seguro para a verdade” (STEIN, 2019a, p.106). É caminho, pois mostra verdades que seriam inacessíveis por outras vias, e é seguro, pois não há maior certeza que a fé. Mais uma vez, a filósofa argumenta e deduz logicamente que se o filósofo quer alcançar a verdade na maior certeza possível, e se a fé desvela verdades que não podem ser alcançadas por outros caminhos e as desvela com um caráter de alto grau de certeza, seria contraditório para a filosofia renunciar às verdades da fé (STEIN, 2019a, p.106).

As considerações e as reflexões, feitas por Edith Stein, sobre a relação da fé com a filosofia não devem ser entendidas como uma espécie de racionalismo da fé. Neste sentido, é impossível não mencionar alguns elementos próprios da mística da tradição carmelitana, que influenciaram grandemente os últimos trabalhos filosóficos de Edith Stein na sua etapa de maturidade filosófica e espiritual, especialmente do frei carmelita, místico e doutor são João da

Cruz. Embora a fé ofereça uma grande certeza para alcançar verdades e a revelação nos comunique algo compreensível e coerente, é preciso destacar, como ponto de partida, que estas verdades não podem ser ‘compreendidas’ no sentido de ser exauridas ou esgotadas conceitualmente, pois elas são incomensuráveis e inesgotáveis. Esta realidade é conhecida pela tradição mística católica como Mistério. As verdades reveladas são transparentes em si mesmas, mas, *para nós* são, uma luz progressiva na medida em que as recebemos (STEIN, 2019b, p.50). Desta forma, a filósofa introduz o termo próprio da teologia de São João da Cruz, definindo a fé como uma *luz obscura*<sup>14</sup>; lemos:

Certamente, a filosofia para o que se estabelece com ajuda da fé não pode pretender aquela clarividência que é a característica de seus próprios e autônomos resultados [...]. Tudo o que provém da ótica de conjunto de verdades da fé e do conhecimento filosófico leva a marca da dupla fonte de conhecimento, e a fé é uma “luz obscura”. Dá-nos a entender algo, mas somente para indicar-nos algo que nos continua sendo incompreensível. Já que o fundo de todo ente é insondável, por isso tudo o que se considera sob esse ângulo cai sob a “luz obscura” da fé e do mistério, e tudo o que é compreensível recebe um cenário incompreensível (STEIN, 2019b, p.52).

Já nesta concepção há claras influências da teologia mística presente na tradição carmelitana. A fé é agora entendida como um “agarrar-se em Deus” e tal ação é possível somente pela graça (STEIN, 2019b, p.54), a concepção conceitual e dogmática da teologia de fé é agora compreendida como essencialmente relacional. O campo da mística, embora não seja contraditório à teologia, vai além dos raciocínios teológicos, ela se fundamenta, no conhecimento experiencial e relacional com Deus (WILDERINK, 2004, p.31). Por outro lado, a entrada no campo da mística não pode ser compreendida, em Edith Stein, como uma saída sem retorno para o inefável, inexprimível e, por conseguinte, fora do campo argumentativo científico da filosofia:

Mas, ciente de que o caminhar em obscuridade se nos faz difícil, por isso todo raio de luz que cai em nossa noite como um precursor da claridade futura é um socorro inestimável, para não nos perder, e ainda a pequena luz da razão natural pode dar-nos serviços valiosos (STEIN, 2019b, p.55)

---

<sup>14</sup> Edith Stein faz referência a São João da Cruz, que, por sua vez, se influenciou de Pseudo-Dionísio. Eles, junto com outros místicos e teólogos conceituam a expressão *luz obscura* e *raio de treva* para descrever a contemplação infusa, isto é, a percepção de que verdades sobrenaturais extrapolam o intelecto e, por isso, para não correr o risco de conceituar inadequadamente esta realidade, é melhor suspender, de certa forma, o intelecto. A fé oferece uma certa luz que capacita o espírito humano para mergulhar no Mistério divino

Nesta citação é possível observar que Edith Stein não interpreta as três dimensões por ela apresentada – a razão discursiva filosófica; a fé nos dados revelados que são conceituados pela teologia e a visão mística – numa concepção de ascensão progressiva ou de graus epistemológicos, onde o filósofo ascendendo a um grau desconsidera o anterior. Edith Stein considera estas três dimensões numa relação de circularidade e harmonia. O fato da fé possuir grandes certezas de algumas verdades é motivo para razão natural tê-la em consideração e o fato da fé ser, ao mesmo tempo, uma *luz obscura*, que se apresenta como uma experiência difícil para o conhecimento humano é motivo para considerar a importante contribuição da luz da razão natural. Edith Stein já antecipava o que, em 1998, o papa João Paulo II afirmaria na encíclica *Fides et Ratio*: “a fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade” (n.1). O filósofo cristão deve trabalhar em buscar uma relação adequada nestas dimensões, considerando sua identidade enquanto cristão e filósofo, mas sempre aberto ao diálogo, como aquele que busca a verdade antes que como aquele que defende com necessidade uma verdade que já *possui*.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho foi realizado um percurso, tendo como objetivo principal apresentar e analisar o conceito de Filosofia cristã desenvolvido pela filósofa Edith Stein. Foi igualmente demonstrado que este conceito, fundamento de todo seu pensamento da etapa de maturidade intelectual e filosófica, surge a partir da tensão e dos paralelismos que a própria Edith Stein realiza de seus referenciais e mestres filosóficos, Edmund Husserl e santo Tomás de Aquino.

Contextualizamos o objetivo principal, no primeiro capítulo, apresentando um panorama biográfico da filósofa judia. Este panorama biográfico ficou centrado nos aspectos mais importantes da formação do pensamento filosófico e intelectual de Edith Stein; entre os quais foram apresentados os germes de sua vocação filosófica, os primeiros passos no mundo acadêmico e filosófico, seu período de estudo em Breslavia, sua etapa fenomenológica no círculo de filósofos de Gotinga, sua conversão, o estudo da filosofia de Tomás de Aquino e que foi chamado de seu período de maturidade e independência filosófica. O estudo de todos esses momentos conduziu a uma melhor compreensão e interpretação da filosofia desenvolvida por Edith Stein.

O segundo capítulo foi dedicado ao estudo dos paralelismos entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino realizados pela filósofa em alguns pequenos artigos e ensaios. Edith Stein

encontrou nestes filósofos alguns pontos em comum que serviram para estabelecer um diálogo adequado no ambiente filosófico. Edith Stein encontrou, igualmente, pontos de claras divergências que a conduziram a ultrapassar seus mestres e a produzir um pensamento mais genuíno e original. Neste capítulo, foi contemplada a necessidade de Edith Stein fazer uma filosofia fundamentada no diálogo. Diante de visões polarizadas, manifestadas na sociedade e na filosofia, Edith Stein compreende que não é possível fazer uma autêntica filosofia esquecendo os pressupostos da tradição filosófica, nem ignorando as novidades filosóficas e as problemáticas do tempo presente. Foram apresentados dois aspectos importantes do paralelismo realizado por Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino; a filosofia em ambos filósofos possui a característica de se apresentar como *uma ciência rigorosa*, marcada pela necessidade de um método. Edith Stein analisa, igualmente, o aspecto da *razão natural e sobrenatural*, o *saber e o crer*; neste aspecto, a filósofa encontra, tanto em Husserl quanto em Tomás, aspectos em comum, por exemplo ambos não duvidarem do poder e da capacidade da razão, no entanto, encontra claras divergências com respeito ao ponto da razão sobrenatural e a dimensão da fé e do crer. A partir destes aspectos, Edith Stein levanta a problemática e afirma a necessidade de buscar um modo mais autêntico e adequado de filosofar. Este modo de filosofar foi chamado por Edith de *philosophia perennis*, fazendo referência ao espírito próprio ou à atitude própria do filosofar, isto é, um método rigoroso para a busca de verdades filosóficas. O conceito de *philosophia perennis* conduziu inevitavelmente a Edith ao desenvolvimento de seu conceito de filosofia cristã.

O terceiro e último capítulo foi dedicado à apresentação e à análise do conceito steniano de Filosofia cristã. Este conceito foi contextualizado a partir de discussões que foram retomadas no século XX entre filósofos cristãos e não cristãos sobre a possibilidade de considerar a fé e a Revelação como fontes epistêmicas no momento de filósofos cristãos produzirem seus trabalhos. Edith Stein estava ciente destas discussões e desenvolve sua própria concepção de Filosofia cristã, isto é, considera a possibilidade de uma filosofia num *estado* cristão. A filosofia em sua natureza é independente da fé, mas no seu estado cristão e desenvolvida por cristãos pode considerar a fé e a Revelação como fontes importantes para o conhecimento do *ente* até suas últimas causas e conseqüências. A filosofia, que tem como finalidade a busca da verdade, não deve renunciar a fontes de conhecimentos que podem conduzir, de forma segura ao conhecimento de verdades, tais como a fé e a Revelação. A filósofa defendeu que a filosofia, considerando a fé e a revelação, não perde sua essência, isto é, não se transforma em teologia, como alguns afirmavam, mas continua sendo filosofia. No final deste capítulo, foram

consideradas duas problemáticas presentes no desenvolvimento deste conceito. A primeira problemática é a posição dos filósofos não crentes diante desta proposta e possibilidade do diálogo. Como ponto de partida, foi afirmado que a proposta da filosofia cristã é essencialmente para os filósofos cristãos, no entanto, tal proposta não implica um isolamento por parte de filósofos cristãos, mas surge como uma possibilidade de criar diálogos entre diferentes posições filosóficas. Os cristãos podem contribuir filosofando sendo cristãos, os não cristãos podem analisar e realizar críticas; podem aceitar estas verdades não como teses, mas como hipóteses, mas não haveria motivos de desconfiança por parte dos não cristãos, pois as verdades filosóficas do cristão seriam analisadas e apresentadas de forma rigorosa e científica. A segunda problemática é o conceito de fé; foi apresentado que a fé para a autora não é algo essencialmente irracional, mas um caminho seguro para a verdade. Finalmente, foi apresentado, de forma breve, alguns aspectos da perspectiva mística presentes no conceito de filosofia cristã; a fé é, ao mesmo tempo, uma luz obscura, pois aponta para coisas superiores ao entendimento humano, apontam para o mistério.

O estudo do conceito steniano de filosofia cristã é fundamental para a compreensão dos trabalhos filosóficos subsequentes de Edith Stein. Na obra *Ser Finito e Ser Eterno* a filósofa desenvolve suas ideias filosóficas fundamentada neste conceito que é apresentado na introdução da mesma obra. A doutora Monika Adamczyk-Enriquez afirma que as ideias e problemáticas filosóficas desenvolvidas pela filósofa nesta obra foram feitas a partir deste conceito e, ao mesmo tempo, foi constantemente acompanhada por Husserl e Tomás de Aquino que continuavam inspirando-a, fazendo assim, de forma conjunta e genial, o que pode ser considerado de uma metafísica objetiva aristotélico-tomista e uma filosofia do sujeito inspirada em Edmund Husserl (2022, p. 161). Este conceito contém elementos importantes para a filosofia na atualidade, o elemento do diálogo, pois se percebeu que este conceito foi construído a partir dos paralelismos entre a filosofia escolástica e contemporânea que, até então, pareciam irreconciliáveis, rejeitando assim, qualquer atitude de fechamento nos próprios sistemas filosóficos; o diálogo entre filósofos não cristãos e cristãos, onde cada parte conserva sua identidade, mas rejeitam qualquer postura dogmática e preconceituosa; a interdisciplinaridade, especificamente, entre a filosofia e a teologia e, finalmente, a recuperação de filósofos cristãos puderem participar ativamente nos espaços filosóficos plurais, sem serem vistos com preconceitos e sem eles pretenderem impor suas posturas religiosas. Em Edith Stein é possível observar a construção de uma filosofia do diálogo, do contato e da experiência, sempre mantendo o rigor científico e filosófico.



## REFERÊNCIAS

- ADAMCZYK-ENRIQUEZ, Dr Monika. El concepto de la filosofía cristiana de Edith Stein. Entre Husserl y Tomás, *Eikasía Revista de Filosofía*, n. 109, p. 139-171, agosto 2022. DOI: <https://doi.org/10.57027/eikasias.109.332>. Disponível em: <https://revistadefilosofia.org/index.php/ERF/article/view/332>. Acesso em: 27 out. 2022
- ALES BELLO, Angela. Edith Stein (1891-1942): Filosofia e Cristianismo. In: PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (Org.). *Deus na filosofia do século XX*. Tradução: Roberto L. Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998. p. 313-322.
- ANNE MATTHIAS, Ursula. Apresentação: o que é a Fenomenologia? In: STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. Tradução: Ursula Anne Matthias. Revisão da tradução e revisão técnica: Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2019, (Coleção Obras de Edith Stein). p. 31-36.
- CRUZ, Manuele Porto. *Pessoa, Comunidade e Empatia em Edith Stein*. 81.p, Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/33240/1/2018\\_ManuelePortoCruz.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/33240/1/2018_ManuelePortoCruz.pdf). Acesso em: 10 de maio de 2023.
- DE LIMA, Marcos Enrique. *Fenomenologia steniana: Diálogos entre Tomás de Aquino e Husserl*. 17 p. Monografia (Licenciatura em Filosofia) – Centro universitário Claretiano, São Paulo, 2020.
- GARCIA, Aparecida Jacinta; ALES BELLO, Angela. Apresentação da tradução brasileira. In: STEIN, Edith. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Tradução: Maria do Carmo V. Wollny e Renato Kirchner. Revisão: Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Obras de Edith Stein). p. 7-10.
- GERL-FALKOVITZ, Hanna-Barbara. Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino, e para além deles. In: STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. Tradução: Juvenal Savian Filho et alli. São Paulo: Paulus, 2019. p. 11-30.
- GOTO, Tommy Akira; DE MORAES, Mak Alisson. A concepção de Fenomenologia para Edith Stein. *Revista Filosófica são Boaventura*, v.10, n.2, p. 51-66, jul./dez. 2016. DOI: ISSN: 2525-3042. Disponível em:

<https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/index>. Acesso em: 05 de março de 2023.

HUSSERL, Edmund. *Investigaciones Lógicas: Investigaciones para la fenomenologia y teoria del conocimiento*. Investigaciones III, IV y V. v 3. Tradução: Manuel G, Morente e José Gaos. Madrid: Revista de Occidente, 1929.

HUSSERL, Edmund. *A filosofia como ciência de rigor*. Tradução: Albin Beau. Coimbra-MCMLII: Atlântida, 1952.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Fides et Ratio*: sobre as relações entre fé e razão. Tradução: Libreria Editrice Vaticana. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1998.

MIRIBEL, Elisabeth de. *Edith Stein, (1891-1942): como ouro depurado pelo Fogo*. Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2001.

RAMOS GOMEZ, Miriam. Edith Stein y el “De Veritate” de Tomás de Aquino. In: JIMENEZ, L. (Dir) *Fides et Ratio: la vuelta a la confianza en la verdade*. Madrid: Fundación Universitaria española, 2019.

REALE, Giovane; ANTISERI, Dario. *História da filosofia, 6: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção história da filosofia; 6).

REYES GACYTUA, Eva. Posibilidades del conocimiento: Um diálogo entre Husserl y Tomás de Aquino em la obra de Edith Stein. *Cuadernos de Teología*, Chile, v.8, n. 1, p. 86-99, junho 2016. DOI: 10.22199/S07198175.2016.0001.00006. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6052058>. Acesso em: 8 set. 2022.

SANCHO FERMIN, Francisco J. Edith Stein: Uma Intelectual Católica. In: STEIN, Edith. *Ser finito e Ser Eterno*. Tradução: Zaíra Célia Crepaldi. Coordenação: João Ricardo Moderno. Ed.1 Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019. p. 3-23.

SAVIAN FILHO, Juvenal. Nota sobre a edição do texto e o seu sentido biográfico. In: STEIN, Edith. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Tradução: Maria do Carmo V. Wollny e Renato Kirchner. Revisão: Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Obras de Edith Stein). p. 11-16.

SAVIAN FILHO, Juvenal. Apresentação Edith Stein: contribuições durante as jornadas de estudos da Sociedade Tomista (Colóquio de JUVISY- França, 1932. In: STEIN, Edith. Textos

sobre Husserl e Tomás de Aquino. Tradução: Ursula Anne Matthias. Revisão da tradução e revisão técnica: Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2019, (Coleção Obras de Edith Stein). p. 165-171.

STEIN, Edith. Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos. Tradução: Maria do Carmo V. Wollny e Renato Kirchner. Revisão: Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Obras de Edith Stein).

STEIN, Edith. Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino. Tradução: Ursula Anne Matthias. Revisão da tradução e revisão técnica: Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2019a, (Coleção Obras de Edith Stein).

STEIN, Edith. *Ser finito e Ser Eterno*. Tradução: Zaíra Célia Crepaldi. Coordenação: João Ricardo Moderno. Ed.1 Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019b.

VARGAS, Carlos. Fé e Razão em santa Edith Stein. *Revista filosófica são Boaventura*, v. 15, n. 2, p. 212-232. Jul./Dez. 2021. DOI: ISSN: 2525-3042. Disponível em: <https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/announcement>. Acesso em: 05 de março de 2023.

WILDERINK, Vital J.G. *Mística e místicos*. Belo Horizonte: Editora da Divina Misericórdia, 2004.

YÁÑES, Phil Eugenio. El concepto de filosofía Cristiana em Jacques Maritain. *Universidad Adolfo Ibañez*. p.1-20 [2010]. Disponível em: <https://independent.academia.edu/LicenciaturaISEHF>. Acesso em: 12 junho de 2023.